



Paulo Veloso

CERRADO

Um patrimônio sob ameaça

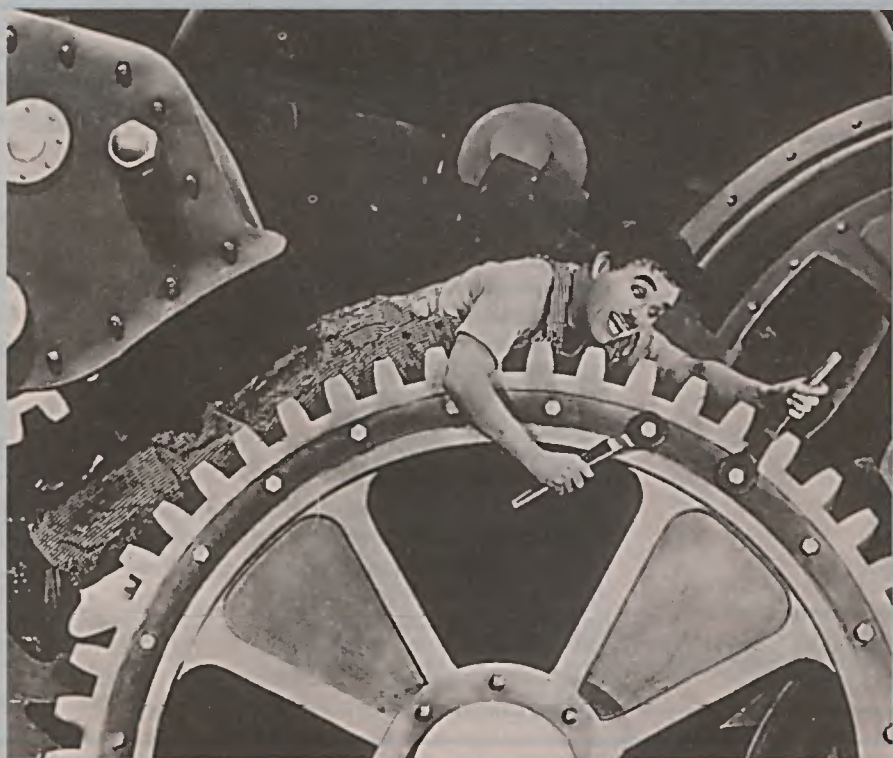
Pesquisadores da UNESP desenvolvem diversos estudos que revelam a riqueza da flora e da fauna do Cerrado, além do potencial comercial de seus produtos, confirmando a necessidade da preservação de um ecossistema afetado por intensa devastação

Págs. 8, 9 e 16

Em defesa da qualidade

A partir da análise das editoras universitárias, obra critica atual ênfase do ensino superior na produção quantitativa

Pág. 13



Fotograma de Tempos modernos, de Charles Chaplin

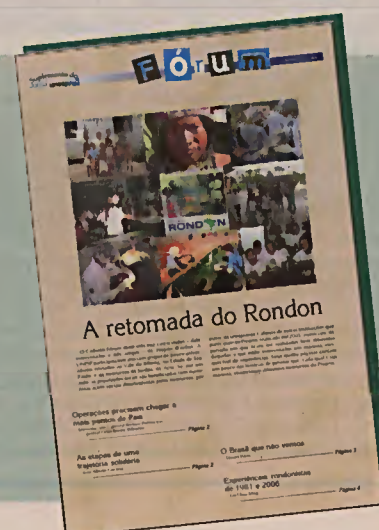
Projeto de inclusão do *campus* de Assis recebe prêmio

Pág. 4

Laboratório de Araçatuba integra centro internacional

Pág. 7

Projeto Rondon é o assunto do Caderno Fórum e de reportagem à pág. 3



Os mapas da crise

CRISTINA SOREANU PECEQUILO

Na última década, intensificando-se com a guerra global contra o terror iniciada depois de 11/9/2001, o Oriente Médio vem sendo marcado por uma sequência de crises, repensando-se o quadro estratégico e as prioridades dos envolvidos nestes tensionamentos. Nesse cenário conturbado, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Rússia, Israel, Irã, Iraque, Afeganistão, Líbano, Síria, Egito, Fatah, Hamas, Hezbollah, Al-Qaeda, são alguns dos interlocutores que, ao longo do tempo, apresentam variações em seus perfis táticos entre a negociação e a confrontação.

A despeito do sucesso relativo dos entendimentos político-diplomáticos das décadas de 1970 a 1990, essa opção foi suplantada pelas lógicas da "inevitabilidade do conflito" e da "segurança militar em nome do interesse nacional". Acordos bem-sucedidos e duradouros como os de Camp David entre Israel e Egito (1979) e mesmo as não plenamente concretizadas resoluções de Oslo I e II (1993/1995) parecem esquecidos. Conquistas como a devolução de territórios ocupados e o reconhecimento do Estado de Israel (a fórmula "terra pela paz"), que envolviam tanto interesses como concessões mútuas, são então abandonadas nesse passado que parece distante.

Ambos os caminhos, o da negociação e o da confrontação, são elementos de uma política e tática realistas, definidas pelas circunstâncias regionais, pelo contexto global e as orientações domésticas dos atores. A revalidação das opções militares e dos instrumentos tradicionais é produto da ascensão de uma visão ofensiva e neoconservadora desse realismo que avalia o sistema internacional em termos absolutos: um cenário anárquico, no qual o equilíbrio é mantido pela força dos Estados mais poderosos, em especial da hegemonia, visando à consolidação e expansão de seus interesses. Para essa linha, a via negociadora aqui também definida como realista, mas que se sustenta em mecanismos alternativos de poder além do militar (economia, cultura), representa uma subordinação ao inimigo. Para os moderados, entretanto, negociar não é uma cooperação irrestrita ou uma convergência valorativa, mas uma opção tática para a contenção e engajamento de seus oponentes (e mesmo dos aliados), fortalecendo posições e agendas com custos menores.

A prevalência da dimensão ofensiva corresponde ao reordenamento do pós-guerra fria e ao reposicionamento da hegemonia norte-americana, cujos impactos atingem todo o cenário e não só o Oriente Médio. Iniciada em 1989, essa transição, nos EUA, significa a escolha tática entre o internacionalismo multilateral e o isolacionismo unilateral. Avançado pelos neoconservadores republicanos na presidência com Bush desde 2001 e sistematizado na estratégia preventiva e preemptiva da Doutrina de Segurança Nacional (2002), esse unilateralismo tem pre-



Civilização atlântica, André Fougeron

valecido e se disseminado por outros Estados, que fazem uso das mesmas justificativas de proteção e preservação para definir suas políticas.

Discurso similar é incorporado por forças transnacionais como o Hamas, o Hezbollah e a Al-Qaeda. A perspectiva de seu enquadramento político como em épocas anteriores é baixa, uma vez que não há uma dinâmica de negociação/interesse/concessão que incentive a separação de facções radicais e moderadas, militares e políticas (como foi o caso da OLP e da trajetória de seu líder Yasser Arafat, do ETA e do IRA no cenário europeu).

A negociação e a confrontação são elementos de uma política e tática realistas definidas por circunstâncias regionais, contexto global e orientações domésticas

Paralelamente, se as tendências moderadas perdem espaço, ampliam-se em quantidade, mas encolhem em eficiência, as ações multilaterais, especialmente as da ONU e de suas forças multinacionais. Em inúmeras situações, esses efetivos encontram dificuldades em sua tarefa de construção da paz e de nações, por problemas de legitimidade, aparente revalidação (e criação) do status quo e limitações políticas e técnicas.

A invasão israelense no Líbano, as guerras no Afeganistão e no Iraque, as tensões com Síria e Irã, os conflitos quentes que se disseminam na África, os atentados terroristas, as triangulações asiáticas, chinesas, japonesas, indianas, russas, os desafios sociais latino-americanos são parte dessas transformações. Recursos energéticos, valores, o repensar das sociedades, os vazios de poder são, igualmente, fenômenos associados a esses novos mapas que se constroem e destroem.

Mais do que nunca, a solução desses dilemas, em meio a um futuro que, erroneamente, muitos já consideram definido pela violência e a fragmentação, é a busca da tolerância e do respeito. Para os que percebem essa meta como idealista ou sinal de fraqueza, é preciso repensar essa avaliação com uma boa dose de realismo e pragmatismo, distanciando-a do seu caráter ofensivo. O mundo, a política sempre foram, e continuarão sendo, mais complexos e multidimensionais do que a força: afinal, objetivos duradouros são muito mais facilmente conquistados e mantidos pelos arranjos da chamada paz do que pelas guerras que os antecederam.

Cristina Soreanu Pecequilo é professora de Relações Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências, campus da UNESP de Marília, e autora de A Política Externa dos EUA (Ed. UFRGS) e Introdução às Relações Internacionais (Ed. Vozes)

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Marcos Macari
Vice-reitor e Assessor de Planejamento e Orçamento: Herman Jacobus Cornelis Voorwald
Pró-reitor de Administração: Júlio Cezar Durigan
Pró-reitor de Extensão Universitária: Maria Amélia Máximo de Araújo
Pró-reitor de Graduação: Sheila Zambello de Pinho
Pró-reitor de Pesquisa: José Arana Varela
Pró-reitor de Pós-Graduação: Marilza Vieira Cunha Rudge
Secretário-geral: Maria Dalva Silva Pagotto
Chefe de Gabinete: Kléber Tomás Resende
Assessoria de Informática: Alberto Antonio de Souza
Procuradoria Jurídica: Edson César dos Santos Cabral
Assessoria de Relações Externas: Elisabeth Criscuolo Urbinati
Diretores/Coordenadores-executivos das Unidades Universitárias: Paulo Roberto Botacin (FO-Araçatuba), Iguatemy Lourenço Brunetti (FCF-Araraquara), Rosemary Adriana Chiéri Marcantonio (FO-Araraquara), Cláudio Benedito Gomide de Souza (FCL-Araraquara), Maysa Furlan (IQ-Araraquara), Antonio Celso Ferreira (FCL-Assis), Antonio Carlos de Jesus (FAAC-Bauru), Henrique Luiz Monteiro (FC-Bauru), Alcides Padilha (FE-Bauru), Leonardo Theodoro Büll (FCA-Botucatu), Joel Spadaro (FM-Botucatu), Maria de Lourdes Mendes Vicentini Paulino (IB-

Botucatu), Edson Ramos de Siqueira (FMVZ-Botucatu), Mário de Beni Arrigoni (Dracena), Ivan Aparecido Manoel (FHDSS-Franca), Tânia C. A. M. de Azevedo (FE-Guaratinguetá), Wilson Manzoli Júnior (FE-Ilha Solteira), Marcos Tadeu Tibúrcio Gonçalves (Itapeva), Roberval Daiton Vieira (FCAV-Jaboticabal), Tullo Vigevani (FFC-Marília), João Lima Santana Neto (Ourinhos), João Fernando Custódio da Silva (FCT-Presidente Prudente), Sérgio Hugo Benez (Registro), Amilton Ferreira (IB-Rio Claro), Sebastião Gomes de Carvalho (IGCE-Rio Claro), Messias Meneguette Junior (Rosana), Johnny Rizzieri Olivieri (Ibilce-São José do Rio Preto), Paulo Villela Santos (FO-São José dos Campos), João Cardoso Palma Filho (IA-São Paulo) e Marcelo Antônio Amaro Pinheiro (CLP-São Vicente), Galdenoro Botura Júnior (Sorocaba) e Elias José Simon (Tupã).



Governador: Cláudio Lembo
SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO
Secretária: Maria Helena Guimarães de Castro

Jornal unesp

Assessor-chefe: Maurício Tuffani
Coordenador de imprensa: Oscar D'Ambrosio
Editor: André Louzas
Redação: Dênio Maués, Genira Chagas e Julio Zanella
Programação Visual: J&I Artes Gráficas
Colaboraram nesta edição: Eliana Assumpção, Gabriel Gonzales, Noélia Ipê, Paulo Velloso, Regina Agrella e Tomáz May (fotografia); Daniel Patire (texto e fotografia)
Produção: Mara Regina Marcato
Revisão: Maria Luíza Simões
Versão on-line: Paulo Rocha
Tiragem: 15.000 exemplares
 Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI).
 A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Novo endereço: R. Quirino de Andrade, 215, 4º andar, Centro, CEP 01049-905, São Paulo, SP. Telefone: (11) 5627-0323.
Home-page: <http://www.unesp.br/jornal/>
Fotolito e Impressão: Art Printer Gráficos Ltda.

PROJETO RONDON

Ações no Acre e Vale do Ribeira

Grupos beneficiam municípios carentes com trabalhos nas áreas de saúde, bem-estar e gestão pública

Entre 11 e 28 de julho, 39 alunos e 12 professores da UNESP participaram do Projeto Rondon, que pela primeira vez teve duas operações simultâneas. Uma delas ocorreu no Vale do Ribeira, em 28 municípios de São Paulo e Paraná; e a segunda, em três localidades do Acre. Estudantes de diversas Instituições de Ensino Superior atuaram junto às comunidades nas áreas de saúde, bem-estar e gestão pública. A UNESP esteve presente com grupos multidisciplinares em sete locais: Apiaí, Barra do Turvo, Cajati, Iporanga e Juquiá, cidades paulistas do Vale do Ribeira; e Capixaba e Jordão, no Acre.

Essa foi a quarta vez que os estudantes da Universidade participaram do Rondon. Segundo o general-de-brigada Celso Krause Schramm, coordenador-geral do Projeto, as operações estimulam os universitários a

Por sua vez, o grupo da FCL de Araraquara, sob a coordenação do professor Sérgio Azevedo Fonseca, colaborou com secretários municipais da região na gestão dos recursos públicos. "Analisamos o orçamento municipal e também as necessidades da popula-

dições de saúde, saneamento e educação, estudantes e docentes prepararam palestras e oficinas para a comunidade. Os temas abrangidos foram saúde bucal, pressão alta, tratamento de água e hepatite, meio ambiente, água e cidadania.

Outras atividades visavam dar alívio imediato a problemas de saúde, como o atendimento feito pelas estudantes de Enfermagem da Universidade Federal do Acre (UFAC), que integraram a equipe. "Além dos atendimentos hospitalares, tivemos uma emergência médica. Um índio de 18 anos teve um acidente com uma arma de fogo, e precisamos improvisar diversos materiais para salvá-lo", contou Suane Oliveira de Souza, da UFAC.

As estudantes de Odontologia da UNESP atenderam os cidadãos de Jordão em um posto clínico

Divulgação



Operações simultâneas de grupos multidisciplinares de universitários: 31 cidades atendidas na busca de soluções de problemas locais



contribuir na busca de soluções de problemas locais. "O Projeto tem como grande objetivo levar o estudante a conhecer a realidade do País", diz. (Leia entrevista no Caderno Fórum.)

O professor José Benedito de Oliveira Amorim, da Faculdade de Odontologia (FO) da UNESP, campus de São José dos Campos, que coordenou a equipe em Barra do Turvo, enfatiza que todo estudante deveria passar por essa experiência. "O aluno tem a possibilidade de ver como a questão da saúde, por exemplo, é tratada do ponto de vista político e social", afirma.

Vale do Ribeira

Em Barra do Turvo, o grupo da FO de São José dos Campos promoveu um levantamento da saúde bucal da população. "Preparamos também uma série de palestras de orientação de higiene bucal, com técnicas de escovação e distribuição de 1.600 kits com escovas de dentes doadas pela Colgate. Além disso, realizamos 750 procedimentos clínicos e cirúrgicos, como limpeza e extração de dentes", diz Amorim.

Em Juquiá, a equipe coordenada pelo professor Aylton Valsecki Júnior, da FO do campus de Araraquara, deu atenção especial aos agentes de saúde, por seu efeito multiplicador na comunidade. "Fizemos diversas reuniões com esses profissionais para dar informações sobre cuidados básicos com a saúde", disse Valsecki. Os estudantes atuaram, ainda, junto ao poder público municipal, mapeando as políticas de saúde pública e assistência social.

Já os agentes de saúde do município de Cajati serviram de guias para o grupo da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), campus de Assis, coordenado pelo professor Elizeu Trabuco, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), de São José do Rio Preto. Durante as visitas feitas com os agentes, os universitários conversavam com as famílias sobre educação ambiental e cuidados com a saúde, além de verificar as condições dos rios que abasteciam as casas. "Foi bastante importante a participação da Universidade no local, porque a população necessita desse apoio", assinala Helder Macedo de Held, estudante de História da FCL.

No município de Iporanga, os estudantes da Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA) do campus de Botucatu, coordenados pelo professor Lin Chau Ming, fizeram estudos e auxiliaram a comunidade local em questões de agricultura familiar.

ção, para encontrar soluções possíveis", relata Marina Elisa Balerine da Silva, estudante de Administração Pública da FCL.

Operação Acre

No Acre, o grupo coordenado pela professora Ana-lúcia Bueno dos Reis Giometti, da Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS), da UNESP de Franca, foi a Jordão. Após um levantamento das con-

municipal. A proposta era fazer um tratamento rápido para aliviar dores dentárias e também, se possível, não remover o dente, principalmente de crianças na primeira dentição.

Os alunos Marcos Fernandes Lobo da Silva e Monique Medeiros, do curso de Engenharia Agrônômica da FCA, integraram o grupo coordenado pela UFAC em Capixaba. Eles discutiram com a população a implantação de hortas comunitárias e o uso de plantas medicinais e também produziram uma cartilha para a prefeitura. "Por não termos um professor orientador, enfrentamos algumas dificuldades, mas conseguimos suplantar-las e aprendemos muito com elas", comenta Silva, que se mostra bastante satisfeito com a experiência que teve no Projeto. "Não pensei que algum dia desejaria que alguma coisa nunca terminasse, como foi o caso da nossa atuação no Acre."

Mais informações sobre a Operação Acre 2006 no endereço: <http://missaojordao.blogspot.com/>

Daniel Patire

UNESP recebe estudantes do Amazonas

Com a intenção de promover um intercâmbio cultural e acadêmico, 12 estudantes de Instituições de Ensino Superior do Amazonas visitaram os campi de Araraquara, Presidente Prudente e Rio Claro da UNESP. Essa ação foi mais uma das novidades implantadas pela coordenação do Projeto Rondon nesta edição.

Segundo Edemilde de Carmo Rodrigues, gestora administrativa do Programa Alfabetização Solidária (PAS) da UNESP, o objetivo dessa iniciativa foi apresentar aos universitários uma realidade diferente da que vivem em seu Estado. "Quando a coordenação do Rondon fez a proposta, nós encaramos essa atividade como um retorno que poderíamos dar, pois nossos estudantes têm experiências muito intensas no Projeto. Assim, escolhemos Unidades que já participaram do Projeto para abrigar esses alunos de outros locais", diz Edemilde.

A estudante do curso Normal Superior Thayana Silva Pessoa, da Universidade Estadual do Amazonas, que ficou hospedada na moradia estudantil da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), cam-



Grupo reunido em São Paulo: intercâmbio cultural e acadêmico

pus de Presidente Prudente, ressalta o ótimo convívio que teve com os unespianos. "Com o Rondon, pude ter contato com projetos de pesquisa em educação para portadores de necessidades especiais, que é uma área de meu interesse", conclui Thayana. (DP)

INCLUSÃO I

Unibanco premia projeto de Assis

Círculo de Cultura realiza educação de jovens e adultos em cooperativa de catadores do município

O projeto Círculo de Cultura: Educação Popular com Catadores de Materiais Recicláveis, realizado pela Faculdade de Ciências e Letras (FCL), *campus* de Assis, é um dos vencedores, na categoria Projetos, da edição 2006 do Prêmio Instituto Unibanco de Educação de Jovens e Adultos, promovido em parceria com a ONG Alfabetização Solidária. A ex-aluna do curso de Psicologia Patrícia Helena Duarte da Mata, em nome da equipe, recebeu o prêmio no dia 11 de julho, no Centro de Cultura Britânica, em São Paulo.

O projeto Círculo de Cultura é organizado por membros da equipe do Núcleo de Assessoria à Formação e ao Desenvolvimento de Cooperativas Populares. Desde 2004, o Núcleo proporciona a alfabetização e a educação de jovens e adultos da Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Assis (Coocassis), que trabalham na coleta seletiva de materiais recicláveis do município.

O Núcleo, cadastrado e apoiado pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária (Proex), também é

Construção de conhecimentos: atividades desenvolvidas com grupos populares



Fotos Divulgação
Carlos Rodrigues Ladeia, do Departamento de Psicologia Evolutiva, Escolar e Social do curso de Psicologia da FCL.

Segundo a docente Ana Maria, o diferencial do projeto está na metodologia empregada, baseada nas propostas do educador Paulo Freire, segundo o qual educandos e educadores, juntos, constroem conhecimentos mediados pela vivência do real. "Nosso trabalho visa contribuir para o desenvolvimento de uma leitura crítica da realidade, a partir de uma educação política", destaca.

Para atingir esse objetivo, os alfabetizadores acompanham o cotidiano dos trabalhadores e todos discutem juntos as necessidades do grupo. Um dos temas debatidos é a economia solidária. "Este é um assunto difícil de ser assimilado, porque envolve a cooperação, a democracia e a autonomia, práticas pouco comuns em uma sociedade competitiva, desigual e elitizada como a nossa", enfatiza o professor Ladeia.

Genira Chagas

um projeto de estágio para alunos de 4º e 5º ano de Psicologia. Atualmente, 13 alunos participam das atividades desenvolvidas em grupos populares de Assis e região. Eles são supervisionados pelos professores Ana Maria Rodrigues de Carvalho, do Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho, e

INCLUSÃO II

Centro apóia portadores de necessidades especiais

Tema de tese, local gera empregos, produzindo papel feito de material reciclado

Inaugurado no dia 21 de julho, em Guaratinguetá (SP), o Centro Sensorial de Geração de Renda e Educação Ambiental visa beneficiar portadores de necessidades especiais. O processo



Reprodução correta e, em parte, auto-sustentável", comenta Marta. Ela destaca que o projeto possui inovações como um sistema de captação de água de chuva e uma mini-estação de tratamento de água.

O projeto foi desenvolvido pelo Uniraballo (Centro de Referência de Geração de Renda e Gestão de Resíduos da Fundação Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho), em conjunto com o *campus* da UNESP de Rio Claro. Os equipamentos foram doados pela Fundação Banco do Brasil e as instalações e a infra-estrutura para o funcionamento da oficina foram disponibilizadas pelo Serviço Autônomo de Águas, Esgotos e Resíduos de Guaratinguetá e pela Prefeitura Municipal.

Os participantes foram selecionados entre os membros da Cooperativa Amigos do Lixo, alunos da Apae (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) e da Escola Municipal Maria Aparecida Broca Meirelles, que serão capacitados conforme suas necessidades especiais. Inicialmente, serão atendidas 12 pessoas (dois deficientes visuais, sete deficientes mentais e três deficientes físicos).

O local envolve a fabricação artesanal de papel, além de atividades de sensibilização e conscientização ambiental. "O objetivo é contribuir para a redução da exclusão social não apenas com as vagas de emprego que serão geradas diretamente, mas também como exemplo de iniciativa social, ambientalmente

EDUCAÇÃO

Parceria melhora ensino em Rio Preto

Iniciativa da prefeitura e da UNESP é voltada para Matemática e Língua Portuguesa

O projeto de extensão Atividades para o Ensino de Matemática e Língua Portuguesa busca melhorar a qualidade da educação oferecida no segundo ciclo do ensino fundamental em São José do Rio Preto. Criada em 2005, a iniciativa da Secretaria Municipal de Educação, numa parceria com o *campus* local da UNESP, beneficia atualmente 3.154 alunos das Escolas Municipais Roberto Jorge, Darcy Ribeiro, Luiz Jacob, Michel Pedro Sawaya e Paul Harris.

Esse esforço conjunto, que utiliza atividades de reforço e projetos pedagógicos, também é importante para os estudantes de licenciatura da UNESP, que recebem orientação sobre planejamento e aplicação das aulas, seleção de conteúdos, atividades e enfoques para suprir as carências de aprendizagem apresentadas pelos alunos da rede municipal. Vinte e dois licenciandos – 11 da área de Matemática e 11 de Língua Portuguesa – atuam como bolsistas.

A coordenação do projeto cabe às professoras Rita de Cássia Pavani Lamas, Aparecida Francisco da Silva, do Departamento de



Esforço conjunto: atividades e projetos pedagógicos

Matemática (DMat), e Anna Flora Brunelli, do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (Dell), do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), da UNESP.

"No início, quando o projeto era coordenado pelas professoras Rita e Luciani Tenani, com a colaboração da professora Aparecida, havia cinco bolsistas para cada área, que atendiam a 2.814 alunos de quatro escolas municipais", recorda Anna. "A continuidade e ampliação do projeto, solicitadas pela Secretaria Municipal de Educação, são indícios de uma avaliação positiva por parte dos segmentos envolvidos."

Segundo Rita, o projeto colabora para quebrar o círculo vicioso no qual os alunos do ensino fundamental chegam praticamente não letrados ao final de sua formação. "Além disso, possibilita aos bolsistas a aquisição de experiência didático-profissional pelo contato com as salas de aula", explica Rita. De acordo com Aparecida, o trabalho envolve ainda reuniões mensais com os diretores e os coordenadores pedagógicos das escolas envolvidas.

Lucia de Mello Barbosa
Luca, bolsista UNESP/Univer-sia/Ibilce/São José do Rio Preto



Fotos Agilberto Lima/Agência Estado

No encontro realizado em agosto, especialistas concordaram que a situação do panorama educacional é desanimadora e não há saídas simples

DEBATE

Desafios de um ensino em crise

Em evento promovido pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, Cláudio de Moura Castro, Eduardo Giannetti da Fonseca e Julio Groppa Aquino analisam entraves e discutem soluções para educação brasileira

Falar sobre perspectivas educacionais brasileiras é discutir as contradições do País em diversos espectros. Essa foi a principal conclusão do debate promovido pelo caderno *Aliás*, do jornal *O Estado de S. Paulo*, no dia 7 de agosto. Os debatedores Cláudio de Moura Castro, presidente do Conselho da Faculdade Pitágoras, Eduardo Giannetti da Fonseca, professor do Ibmecc (SP), e Julio Groppa Aquino, da Faculdade de Educação (FE) da USP, diagnosticaram um quadro triste e de difícil solução, apontando alguns caminhos propositivos.

Moura Castro, que já foi diretor-geral da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior) e chefiou a Divisão de Programas Sociais do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), enfatizou as contradições do ensino brasileiro: "Temos uma formação profissional, propiciada pelo Sistema Senai, de Primeiro Mundo e um sistema de pós-graduação que pouco deve ao dos países mais desenvolvidos", disse. "A qualidade do ensino básico, porém, é de Terceiro Mundo."

Moura Castro lembrou os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), exame patrocinado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que, realizado pela primeira vez em 2000, mostrou que os estudantes brasileiros pouco entendem do que lêem. "Eles ficaram em último lugar numa pesquisa que envolveu 32 países e avaliou, sobretudo, a compreensão de textos em alunos de 15 anos", afirmou.

Participaram 4,8 mil estudantes brasileiros, da 7ª série do Ensino Fundamental à 2ª série do Ensino Médio, que obtiveram 396 pontos, 150 a menos que a Finlândia, país melhor colocado. "Essa situação é contraditória com o esforço realizado nos anos 1990, que levou 97% das crianças a cursarem o ensino básico e fundamental. Esse fator, associado a dados que mostram que três quartos da população brasileira são analfabetos funcionais, exige repensar a qualidade do ensino", acredita Moura.

Escola indigente

Para o psicólogo Julio Groppa Aquino, do Departamento de Filosofia da Educação da FE-USP, além desse paradoxo, a educação vive outros. "Um deles seria a convivência entre um ensino público indigente, quase um depósito de crianças, com um ensino privado farsesco", comenta. "Outro é que existe um discurso de que a educação é prioritária e deve ser marcada por ações democráticas, mas ela é deixada em segundo plano, a não ser em época de eleição, e vive uma situação anacrônica e de decadência perante veículos como a televisão e a Internet."

Aquino enfatiza que, na situação brasileira, Xuxa encanta os alunos, e Machado de Assis, não. "Não se consegue um mínimo de interesse das novas gerações pelos conteúdos considerados importantes e, quando se pensa numa solução, cai-se no mirabolante e no inócuo", argumenta Aquino.

Para Moura Castro, o grande desafio está na sala de aula. "É preciso ensinar o professor a lidar com a prática cotidiana. Isso é difícil num momento em que a carreira docente não premia nem pune. Confundir disciplina com autoritarismo e considerar a solução tecnológica como panacéia também impedem a escola brasileira de desempenhar bem suas funções básicas: ensinar a ler, escrever, contar e raciocinar."



"Dados mostram que três quartos da população brasileira são analfabetos funcionais."

Cláudio de Moura Castro

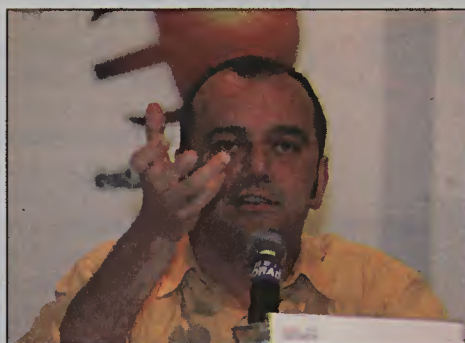
"Quando não há formação com a qualidade desejável, uma maior cobrança faz a diferença."

Eduardo Giannetti da Fonseca



"Não se consegue um mínimo de interesse das novas gerações pelos conteúdos considerados importantes."

Julio Groppa Aquino



No atual contexto, de acordo com Giannetti, a educação tem, no mínimo, duas dimensões: uma social e outra econômica. "A primeira apresenta contradições imensas, como o fato de que a chance de quem está entre os 40% mais pobres da população cursar o ensino superior é zero", afirmou.

Dimensão econômica

A dimensão econômica mostra que, no Brasil, para cada ano a mais de escolaridade, a pessoa tem um aumento de receita de 14%. Por isso, Giannetti destacou a maior inserção das crianças entre 7 e 14 anos na escola nos anos 1990. "Em 1991, 80,5% dessas crianças estavam na escola. Em 2000, esse percentual passou para 96,5%. No Nordeste, o percentual foi de 75% para 91%", disse.

O problema, para o docente do Ibmecc, é que mais de

90% dessas crianças apresentam baixa qualidade no desempenho em língua, matemática e ciências. Giannetti, assim como Moura Castro, acredita que falta um incentivo para tirar um melhor resultado dos recursos investidos nas escolas públicas.

Ele propõe, para isso, um Exame Nacional Unificado de competência e habilidades como ler, escrever e fazer contas, ao final do ensino fundamental. "O aluno que não fosse aprovado não receberia o diploma", defende. O objetivo desse exame seria ter um termômetro de correção das deficiências por escola. "Os pais saberiam de fato onde estão colocando os seus filhos para estudar. Quando não há formação com a qualidade desejável, uma maior cobrança faz a diferença."

Poucos resultados

Aquino, porém, não acredita que mais um exame seja a solução. "O maior problema é que a educação só é geralmente lembrada nos períodos eleitorais. Na prática, vem ocorrendo uma privatização crescente e uma estigmatização do ensino público", comentou.

"Provas apenas diagnosticam a educação, mas não se adentram na sua prática", enfatizou o docente da USP. Ele citou a Prova Brasil, realizada em novembro de 2005, que avaliou o conhecimento de língua portuguesa e matemática de 3.306.317 estudantes da rede pública de educação básica como mais uma tentativa de entender a educação por meio de um teste.

"Criar uma nova avaliação pode levar à mesma situação que ocorre no exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), que provocou a criação de uma rede de cursinhos preparatórios, em que se estuda com o objetivo de passar no exame", conta. "Começam a ser deixadas de lado questões fundamentais como o que se está avaliando, como se deve ser avaliado e quem faz a avaliação."

Quadro desalentador

Para Giannetti, um exame como o que propõe é útil por colocar a nu quem são os párias da sociedade e onde eles estudam. "É doloroso, mas trata-se de uma exposição pública sadia, que vai levar a uma discussão séria e à identificação de quem não faz o papel que lhe cabe. O passo seguinte é entender por que isso acontece."

O panorama que Aquino traça é desalentador. "A educação brasileira se caracteriza por uma apatia generalizada, descontrole absoluto, leis espetaculares na teoria que não são levadas a cabo na prática e falta de adesão ao modelo existente tanto pelos professores mais velhos como pelos alunos mais novos", diz.

Para o psicólogo, o Brasil permite hoje acesso de 97% dos cidadãos à escola (portadores de necessidades especiais e pessoas no sistema prisional permanecem à parte), mas está fracassando na permanência dos alunos no sistema educacional. "Assim, discutir qualidade de ensino e de aprendizagem torna-se cada vez mais difícil", argumentou.

Guaratinguetá vence disputa nacional

Alunos de Colégio Técnico Industrial levam ouro e bronze em olimpíada de matemática da rede pública

Dois alunos do Colégio Técnico Industrial "Professor Carlos Augusto Patrício Amorim" (CTIG) conquistaram medalhas na I Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (Obmep), realizada em 2005. Keize Eduardo Fujita Palásio de Moraes, então terceiranista do Curso de Informática do CTIG, recebeu medalha de ouro. Seu colega Bruno Henrique Santos Júlio, na ocasião estudante de Eletroeletrônica, ficou com a de bronze.

A Olimpíada é promovida pelo governo federal, com o apoio do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (Impa) e da Sociedade Brasileira de Matemática. O Colégio é uma Unidade Complementar da Faculdade de Engenharia (FE), *campus* da UNESP de Guaratinguetá.

Também foi homenageado Flávio Gomes de Araújo, professor responsável pela disciplina de Matemática e também coordenador de Ensino Médio do Colégio. Como prêmio, ele recebeu um curso de especialização de duas semanas no Impa, além de conquistar Certificados de Mérito para o CTIG e para a cidade de Guaratinguetá, que foi destacada no Estado.

Ensino de qualidade

A premiação ocorreu no dia 12 de



Júlio, Araújo e Moraes: medalhas e homenagem em evento de ampla repercussão

agosto, na Universidade Metodista, em São Bernardo do Campo (SP). Entre as autoridades presentes estava a diretora de Ensino Médio do MEC, Lúcia Lodi; a vice-presidente da Sociedade Brasileira de Matemática, Suely Druck; o coordenador da Obmep, Élio Mega; e o professor Paulo Bessa da Silva, presidente do Comitê de Extensão da Universidade Metodista.

Além das medalhas, Moraes, Júlio e mais quatro alunos do Colégio receberam bolsas de estágio de Iniciação Científica Júnior, concedidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico

co e Tecnológico (CNPq). Para Moraes, a medalha e as bolsas representam importantes conquistas para a carreira profissional. Atualmente ele realiza estágio no Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). O ex-aluno Júlio, medalha de bronze, foi aprovado em Engenharia Mecânica da FE.

De acordo com o professor Araújo, a conquista dos alunos está relacionada à qualidade do ensino oferecido na CTIG. "Aqui nós não treinamos os alunos para participar de competições", diz. O Colégio é referência em ensino na região, oferecendo os cursos técnicos de Mecânica, Eletrônica, Informática e Eletroeletrônica.

Genira Chagas

Evento teve 11,5 milhões de inscritos

A Obmep, realizada em 2005, somou 11,5 milhões de inscritos em todos os Estados brasileiros, dos quais 2.100 foram selecionados para receber estágio de Iniciação Científica Júnior.

Participam da Olimpíada alunos de 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries do ensino fundamental e alunos do ensino médio. Em 2006, espera-se a participação de cerca de 14 milhões de alunos. Na edição de 2005, a UNESP contribuiu com o evento por meio da colaboração de alguns de seus docentes e do oferecimento de dependências para a reunião dos alunos que fazem a Iniciação Científica.

José Carlos Rodrigues, do Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), *campus* de Presidente Prudente, e Aparecida Francisco da Silva, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibice), em São José do Rio Preto, coordenam duas das cinco regiões do Estado responsáveis pelos estágios oferecidos aos selecionados.

(GC)

DESIGN

Projeto de mesa é destaque em concurso

Ex-aluno produziu móvel de madeira maciça com desenho inovador

O designer Lucindo Tomiosso Júnior, formado em 2003 no curso de Desenho Industrial da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), *campus* de Bauru, conquistou o primeiro lugar no II Prêmio Design da Terra – Via Design Mato Grosso, na categoria Móveis, Designer Profissional, com a mesa de centro V3.

O prêmio é concedido pelo Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e pela Federação das Indústrias do Mato Grosso a trabalhos com *design* inovador que utilizam matérias-primas dos ecossistemas brasileiros.

Tomiosso, que atualmente é pesquisador do Núcleo de Desenvolvimento em Design da UnB (Universidade Federal de Brasília), desenvolveu a mesa com madeira maciça, obtida da árvore muiirapiranga (*Brosimum spp*), nativa do Cerrado e Amazônia. "A ideia é mostrar que é possível produzir móveis em madeira maciça, mas com uma concepção moderna. Assim, fiz um casamento formal entre três materiais diferentes: a base em metal, o aro de madeira e o tampo em vidro", diz o designer.



Lucindo e Silvio: tecnologia moderna

Pertencente à família do pau-brasil, a muiirapiranga tem forte coloração avermelhada e permite trabalhos artesanais, como a mesa premiada. "Essa árvore foi classificada pelo Ibama como 'madeira alternativa', ou seja, sua exploração não traria riscos de extinção", salienta Tomiosso.

Outro designer formado pela Faac, Silvio Tadeu do Nascimento França chegou até a fase final do Prêmio. Ele concorreu com o desenho de uma mesa de centro chamada Huika. Em seu projeto, França utilizou uma nova tecnologia, com aplicação de laser, para imprimir um desenho na tampa da mobília.

Daniel Patire

ANTROPOLOGIA

Proposta de ensino conquista prêmio

Iniciativa introduz aluno na produção de pesquisa e texto científico

Christina de Rezen-de Rubim, docente dos cursos de graduação e pós-graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), *campus* de Marília, conquistou o IV Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, concedido pela Associação Brasileira de Antropologia e Fundação Ford, na categoria Projetos Inovadores de Disciplinas de Introdução à Antropologia na Graduação.

Intitulado Tópicos de Antropologia, o projeto tem como temática a influência italiana em Pedrinhas Paulista. Sua meta é estimular os alunos a participar do levantamento inicial de temas antropológicos, sua problematização, recorte e construção de projeto de pesquisa. "Essa proposta dará aos alunos a vivência, construção criativa e redação de texto científico em uma realidade concreta", diz Christina.

O concurso visou apoiar experiências inovadoras no ensino de graduação, formação continuada e pós-graduação. O objetivo é atender ao aumento no número de estudantes que chegam ao ensino



Christina: influência Italiana no Interior

superior, em cursos da área de Humanidades que incluem a disciplina de Antropologia.

O Prêmio contribui, ainda, com os cursos de pós-graduação, cujas matrículas duplicaram nos últimos anos, em razão das mudanças no sistema de ensino superior. "O Prêmio, por isso, também visou apoiar experiências de ensino nos cursos de pós-graduação, que precisam atender à crescente pressão por vagas com a manutenção da qualidade", diz Maria Cândida Del Masso, vice-diretora da FFC. "Os cursos de extensão universitária e educação continuada que utilizam o instrumental da antropologia também ganham com o Prêmio."

MEDICINA VETERINÁRIA I

Araçatuba integra centro internacional

Grupos da UNESP, USP e Fiocruz visam melhorar saúde e produção animal em países em desenvolvimento

O Laboratório de Bioquímica e Biologia Molecular Animal (LBBMA), da Faculdade de Odontologia (FO), *campus* de Araçatuba, é um dos quatro integrantes do Centro Colaborador em Genômica e Bioinformática Animal, articulação de laboratórios do Brasil promovida pela AIEA (Agência Internacional de Energia Atômica) e FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação). Criado em janeiro de 2006, o Centro utiliza conhecimentos de genética, biologia molecular, bioinformática e energia nuclear para incrementar a saúde e a produção animal em países em desenvolvimento.

Atualmente, o Centro desenvolve *kits* para testes de caracterização genética de ovinos (ovelhas, carneiros e cordeiros) e caprinos (cabras, bodes e cabritos). “Esses *kits* poderão colaborar para a melhoria de rebanhos da Ásia e de outros continentes”, comenta José Fernando Garcia, docente do Departamento de Apoio, Produção e Saúde Animal da FO, que hoje encabeça o Centro. (Leia quadro.)

Outra preocupação do Centro é a difusão de novas tecnologias. “Em junho, realizamos em Lima um encontro com pesquisadores de Peru, Chile, Argentina, Bolívia e Equador, para fomentar programas de melhoramento genético de lhamas, alpacas e outros camélidos sul-americanos”, enfatiza Garcia.

Além do LBBMA, o Centro é formado pelo Laboratório de Biotecnologia Animal, da Esalq (Escola Superior de Agricul-

tura Luiz de Queiroz), da USP/Piracicaba; Laboratório de Morfofisiologia e Desenvolvimento Molecular, da USP/Pirassununga; e Laboratório de Biologia Molecular de Tripanossomatídeos da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), do Rio de Janeiro.

Ações do laboratório

Inaugurado em 2001, o LBBMA tem como objetivo identificar, caracterizar e aplicar marcadores moleculares – variações presentes no genoma relacionadas a características de um organismo – em animais. Entre as principais metodologias de análise genética utilizadas estão o sequenciamento de DNA, a análise de regiões microssatélite e a PCR em Tempo Real. O laboratório ocupa um prédio de 250 m² e reúne 15 pesquisadores, já tendo recebido cerca de R\$ 3 milhões de órgãos de fomento.

Uma das iniciativas recentes do LBBMA é o desenvolvimento de marcadores moleculares para seleção de ovinos resistentes à *Scrapie*, moléstia presente em diversos países, inclusive no Brasil, e considerada análoga à doença-da-vaca-louca, por atacar o sistema nervoso do animal, embora não seja transmissível para seres humanos.

De acordo com Garcia, o próximo objetivo a ser atingido pelo LBBMA é o seu credenciamento em órgãos certificadores, como, por exemplo, o Ministério da Agricultura e a ISO (International Standard



Pesquisadores: estudos em genômica e bioinformática animal



Organization) 17025, que define normas para ensaio e calibração de equipamentos. “Com esse credenciamento, poderemos fazer o controle laboratorial dos produtos e

análises, realizados em atividades de pesquisa e extensão promovidas por empresas e instituições especializadas”, comenta.

André Louzas

Docente atuou em entidade ganhadora do Nobel da Paz

Entre 2003 e 2005, José Fernando Garcia trabalhou no Laboratório de Biotecnologia na Agricultura, localizado em Viena e vinculado ao Programa Conjunto da FAO e da AIEA. Em 2005, a agência e seu diretor-geral, Mohamed ElBaradei, receberam o Prêmio Nobel da Paz, por seus esforços para evitar a proliferação de armas atômicas e promover o uso pacífico da energia nuclear.

O programa FAO/AIEA está envolvido com 40 projetos de pesquisas, que unem 600 instituições, buscando resolver problemas de países em desenvolvimento. O laboratório de Viena é especializado em pesquisa, desenvolvimento e transferência de tecnologia nuclear nas áreas de solo, cultivo de plantas, produção e saúde animal, entomologia e controle de contaminantes de alimen-



Garcia: participação em instituição premiada

tos. Lá, Garcia trabalhou em projetos voltados para Ásia, África e América do Sul. “Um dos trabalhos que desenvolvemos foi o de identificação de marcadores genéticos para caracterização de ovinos resistentes a parasitas intestinais, na África”, assinala. (AL)

MEDICINA VETERINÁRIA II

Método inova aplicação de soro em cavalos

Processo prolonga tratamento e permite maior mobilidade ao animal



Amorim: técnica diminui inflamações

A fluidoterapia, novo método para aplicação de soro em animais de grande porte, tem auxiliado na recuperação dos cavalos no Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), *campus* de Botucatu. O método foi desenvolvido pelos docentes Rogério Martins Amorim e Francisco Teixeira Neto, do Departamento de

Clínica Veterinária da FMVZ. A novidade utiliza galões com capacidade para 20 litros de soro, ligado a tubos em forma de espirais e a cateteres mais resistentes.

Amorim explica que o uso de um galão permitiu que animais enfermos recebessem soro por 24 horas ininterruptas. “Um cavalo de 400 quilos, por exemplo, precisa de 40 a 60 litros diários e, como os frascos enviados pelos fabricantes têm capacidade de meio a um litro, havia a necessidade de constante recarga, impossibilitando o tratamento constante”, avalia.

O médico veterinário afirma, ainda, que os cateteres, confeccionados em poliuretano ou silicone, com durabilidade de até 30 dias, diminuíram os casos de inflamações ocorridos com o cateter de 72 horas, que exige trocas frequentes. Já os tubos em forma de espiral, que conectam o galão de soro ao animal, permitem que ele se locomova melhor.



ZOOLOGIA

Tese destaca função ecológica de cutias

Segundo estudo, roedor não prejudica vegetação e dispersa sementes

Na tese que defendeu sobre a presença de cutias no Bosque dos Jequitibás, em Campinas (SP), a bióloga Eliana Ferraz Santos refuta a hipótese de que a ação desse animal dificulta o desenvolvimento da vegetação. Segundo o estudo de Eliana, apresentado no Departamento de Zoologia do Instituto de Biociências (IB), *campus* de Rio Claro, aquele espaço suporta o número das espécies existentes e, o mais importante, as cutias têm uma importante função na dispersão de sementes.

Em parte, a dispersão ocorre porque esses roedores enterram muitas sementes e frutos, para comê-los depois. “Com isso, muitas dessas sementes aca-



Roedor: investigação em Campinas

bam germinando”, destaca Eliana. Para a pesquisadora, o hábito dos visitantes de oferecer comida a esses animais pode ser um dos fatores da sua alta densidade populacional.

Sob orientação do pesquisador Nivar Gobbi e co-orientação do professor Mauro Galletti, ambos do IB, Eliana registrou dados como dieta, massa corporal e outras medidas de machos e fêmeas, taxa de prenhez e predação de plantas entre a germinação e o surgimento das folhas.

Eliana ressalta que, apesar de as cutias serem consideradas os únicos dispersores do jatobá, o excesso desses roedores provocou altas taxas de predação dessa espécie vegetal, principalmente das árvores mais jovens.

BIOLOGIA

Conhecer o Cerrado, para melhor preservá-lo

Estudos feitos por pesquisadores da UNESP mostram a riqueza da flora e da fauna de um dos maiores ecossistemas do País, que nas últimas décadas vem sofrendo um grande processo de devastação

JULIO ZANELLA

Presente em 16 Estados, o bioma Cerrado se caracteriza pelo solo ácido, clima seco e matas de árvores com caule fino e tortuoso, intercaladas por campos abertos. Com apenas 20% de sua vegetação nativa, é a segunda área mais rica em biodiversidade no País, depois da Amazônia, que conta ainda com 80% de sua floresta. Marcada por um cenário de desmatamento e extinção de espécies, a parte paulista do Cerrado tem sido amplamente pesquisada pela UNESP, nos últimos anos.

Muitos dos estudos na área botânica estão incluídos no projeto "Estudos morfológicos, anatômicos, histoquímicos e ultra-estruturais em plantas do Cerrado do Estado de São Paulo", financiado pela Fapesp, cujos resultados deverão ser divulgados em setembro. "A flora do Cerrado paulista é ainda muito diversa, mas pouco estudada, o que dificulta a identificação das áreas mais críticas", diz a bióloga Silvia Machado, do Instituto de Biociências (IB), *campus* de Botucatu, e coordenadora do projeto, que envolveu 117 pesquisadores e um investimento de cerca de R\$ 800 mil.

Localizada ao sul do bioma, a vegetação do Cerrado paulista é influenciada pelo clima mais frio. "Essa característica limita a ocorrência de espécies típicas do clima tropical do planalto central, sensíveis ao frio mais intenso", observa o biólogo Osmar Cavassan, da Faculdade de Ciências (FC), *campus* de Bauru, que há 25 anos estuda a vegetação nativa do Interior do Estado.

Das cerca de 10 mil plantas existentes no Cerrado brasileiro, 4.400 são nativas do bioma, sendo 34% delas encontradas em território paulista. No projeto da Fapesp, 300 espécies foram pesquisadas, em cinco localidades: uma área na Estação Experi-

mental de Itirapina, outra nas reservas biológicas de Mogi Guaçu e as três restantes na região de Botucatu. O estudo focaliza o desenvolvimento das plantas, sua estrutura externa e interna, além da composição química de raízes, folhas, flores, frutos e sementes.

"Com o desmatamento, muitos recursos vegetais foram destruídos sem que tivéssemos o conhecimento mais aprofundado dos aspectos biológicos dessas espécies", observa Silvia. Na região de Botucatu, por exemplo, 20% da flora estudada está ameaçada de extinção. Entre as espécies ameaçadas, estão a *Camarea affinis*, popularmente conhecida por raiz-de-perdiz, a *Carayocar brasiliense*, que tem o nome popular de pequi, e a *Kielmeyera variabilis*, ou malva-do-campo.

Plantas medicinais

Outro aspecto abordado no projeto da Fapesp foram as propriedades medicinais das plantas do Cerrado paulista. O docente do IB Luiz Carlos Di Stasi e sua equipe identificaram, entre 2004 e 2005, 170 dessas espécies, das quais 15% ameaçadas de extinção. Com a participação da



Calendário com aquarelas de Margherita Leoni, Zelinda Jordão Milian, Monica Stein Aguiar e Gisela Adrien apresenta plantas do bioma: trabalho artístico ajuda a divulgar a riqueza da flora

fotógrafa e bióloga Beatriz Maroni e da própria Silvia Machado, o levantamento foi publicado em um guia ilustrado que descreve características e possíveis efeitos terapêuticos. (Veja reportagem à pág. 16.)

Um trabalho semelhante tem sido desenvolvido por pesquisadores do Instituto de Química (IQ), *campus* de Araraquara. Eles descobriram propriedades antiinflamatórias, antioxidantes, antitumorais e antifúngicas em alguns dos 1.800 extratos vegetais com potencial medicinal, colhidos desde 1998. "Desse total, 200 subs-

tâncias puras já passaram por algum processo de avaliação de ação biológica", informa Dulce Siqueira Silva, integrante do Núcleo de Bioensaio, Biossíntese e Ecofisiologia de Produtos Naturais (NuBBE) do IQ. Empresas de cosméticos e laboratórios farmacêuticos já investiram mais de R\$1 milhão no projeto. A Natura, por exemplo, está interessada em uma planta com propriedades antiinflamatórias, para a produção de um novo creme pós-barba. Já a Centofarma busca em extratos o princípio ativo que diminui os níveis de açúcar no sangue, visando à produção de medicamentos contra diabetes e hipertensão.

O potencial medicinal não está apenas nas plantas, mas também em fungos do Cerrado. Em alguns desses fungos, presentes no óleo de sementes de plantas das famílias *Oenotheraceae* e *Boraginaceae*, um grupo de pesquisadores encontrou o ácido gama-linolênico (GLA). Conhecido como Omega 6, ele já é utilizado na medicina natural no combate à impotência masculina, tensão pré-menstrual, climatério e obesidade. "Ele ainda possui efeitos benéficos nos tratamentos de eczema, doenças cardiovasculares, diabetes e câncer", acrescenta Sâmia Tauk-Tornisiello, bióloga do Centro de Estudos Ambientais (CEA) do IB-Rio Claro e coordenadora do estudo.

Foco na zoologia

O surgimento dos primeiros filamentos de matas do Cerrado teria ocorrido há cerca de 20 mil anos, quando houve a retração das matas para áreas mais úmi-



Silvia e Beatriz: lançamento de livro ilustrado

das e a expansão da vegetação aberta. Nesse período, segundo o geógrafo Adler Guilherme Viadana, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), *campus* de Assis, o bioma ocupava uma área bem maior do território paulista. Adler, que durante 10 anos percorreu mais de 1.600 km na região do Triângulo Mineiro, destaca a importância da área subterrânea do Cerrado.



Veado campeiro: mamífero em risco de desaparecimento



Dulce: núcleo de pesquisa em Araraquara

O veado-campeiro é outro mamífero em risco de desaparecimento. Segundo o docente José Duarte, da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), *campus* de Jaboticabal, a preservação desse cervídeo passa pelo maior conhecimento de sua reprodução em diferentes *habitats*. Ele comparou o comportamento da espécie no Parque Nacional das Emas, em Goiás, e em áreas de mata do Mato Grosso já ocupadas pelo homem, em que o animal convivia com bichos domésticos, como cães e bois. "Os indivíduos que vivem fora da área de conservação possuem maior nível de estresse e, por isso, estão mais suscetíveis a enfermidades, o que limita a sua reprodução."

Em relação às aves, o biólogo aposentado da UNESP Edwin Willis, durante três décadas, registrou 770 espécies do Estado, sendo 150 delas específicas do Cerrado. Ele alerta que algumas delas são dispersoras de sementes, como, por exemplo, o chibum (Elaenia) e o tico-tico (Coryphospingus), e seu desaparecimento limitaria a expansão da vegetação. "Algumas aves como o galito (Alecturus tricolor) e o caminhinho (Anthus nattereri), próprias da vegetação baixa e meio baixa do bioma, estão cada vez mais difíceis de

se encontrar", diz. "Como se alimentam de insetos, seu desaparecimento pode provocar um importante impacto no equilíbrio ecológico nessas áreas", completa o pesquisador, que no final do ano deverá lançar seu segundo livro sobre a reprodução e alimentação de aves do Estado.

Importância da divulgação

Entre os anfíbios, das 150 espécies conhecidas no Cerrado, 45 delas estão desaparecendo. O professor do IB-RC, Célio Haddad, coordena um projeto que busca identificar a biodiversidade de anfíbios anuros (sapos), em 26 municípios de São

Paulo, incluindo as regiões de Cerrado. A docente Denise Feres, do Ibilce, preparou um inventário com 32 espécies do Noroeste Paulista. "Pela longa estação de seca e chuvas inconstantes, essa região é bastante desfavorável à reprodução dos anfíbios", avalia a docente.

Os estudos da UNESP também se voltam para insetos e aracnídeos. Em Rio Claro, pesquisadores do IB identificaram substâncias do veneno de algumas aranhas próprias do Cerrado com potencial de aplicação no tratamento de epilepsia, depressão e hipertensão. "O problema é que algumas das pesquisas estão paradas pela dificuldade de se encontrar algumas espécies", lamenta Mario Palma, coordenador do Projeto. "Um exemplo desse problema é a aranha *Parawixia*, que faz parte de um estudo para a produção de um inseticida", destaca.

A docente Maria José Campos, que identificou 108 espécies de abelhas na Reserva de Corumbataí, considera que, com o desmatamento, esses insetos enfrentam um sério risco para sua sobrevivência. "Algumas das abelhas têm grande importância ecológica, pois são polinizadoras de plantas", observa.

Uma das preocupações dos pesquisadores tem sido disseminar o conhecimento gerado pelos estudos. No projeto da Fapesp, parte dos recursos foi destinada à produção de livros, apresentação em congressos e artigos em revistas especializadas. A beleza do Cerrado também tem sido mostrada por meio das aquarelas de Margherita Leoni, Zelinda Jordão Milian, Monica Stein Aguiar e Gisela Adrien, além de pinturas, catálogos, cartões, guias e calendários ilustrativos. "Nas várias palestras à comunidade, percebemos a surpresa do público com a grande diversidade da fauna, das flores e árvores frutíferas", lembra Silvia. "E isso ajuda nosso esforço de preservar esse bioma."

Paisagem inspirou literatura e música

As paisagens do Cerrado têm inspirado artistas na literatura e na música. Segundo o docente da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) Luiz Gonzaga Marchezan, *campus* de Araraquara, nas obras dos escritores Afonso Arinos e João Guimarães Rosa, a palmeira buri é evocada quase como uma personagem nas tramas. "Arinos, por exemplo, personifica a árvore como um velho guerreiro petrificado em meio da peleja", lembra Marchezan.

Nos escritos de Guimarães Rosa, além do buri, as paisagens destacam o chão de areia, árvores tortas, arbustos, um cenário de savana tropical rica em bichos e plantas. "Aluno atento dos sertanejos, Guimarães reconhecia de longe espécies típicas do bioma, como imbaúba, barbatimão, pequi, barriguda, jatobá e taquari", analisa Marchezan.

O Cerrado já foi também exaltado na MPB pelas vozes de Gilberto Gil, Nara Leão, Zé Ramalho, entre outros. "Já sentiram das planícies orvalhadas o cheiro doce das frutinhas muçambê? Já experimentaram a guabiroba bem madura?", canta Nara Leão, em *Penas do Tiê*.

O artesanato também é retratado no site *Coisas do Cerrado* (<http://www.ibb.unesp.br/departamentos/Educacao/Trabalhos/coisasdecerrado/INICIAL/principal.htm>), produzido no ano passado pelo então aluno de graduação de Biologia do IB/Botucatu José Guilherme Prado Martin. O espaço traz peças retiradas do bioma, como bolsas de palha, colares e correntes, que servem como fonte de renda para milhares de famílias. "O Cerrado é rico em sabores, aromas e cores que embelezam a paisagem e servem também de inspiração para as artes", assinala Martin. (JZ)



Site montado por aluno de Botucatu

Propostas de preservação incluem mudança constitucional

A data de 12 de setembro é lembrada como Dia do Cerrado. Mas há pouco o que se comemorar. A mata original se estende por apenas 19% do bioma no País. No Estado de São Paulo, na década de 1970, ela cobria cerca de 14%; hoje, apenas 4%, limitada basicamente às unidades de conservação.

A causa fundamental da devastação está na expansão do agronegócio, em culturas como cana-de-açúcar, soja, trigo e laranja, além da pecuária extensiva e da exploração de minérios, particularmente do carvão. "As perspectivas de preservação são péssimas, quando, em nome do progresso, principalmente no Mato Grosso, o governo transforma as áreas de Cerrado em plantações de soja", diz Gerhard Gottsberger, biólogo alemão, professor da UNESP e autor do livro *A vida no Cerrado*.

O professor Adler Viadana alerta para o risco das reservas híbridas que se encontram em situação crítica, principalmente no Triângulo Mineiro. "A solução passa pela preservação das matas ciliares, em especial nas cabeceiras dos rios, além do controle da utilização da água para irrigação", propõe.

Muitos especialistas atribuem o grande desmatamento à falta de leis de proteção ambiental, principalmente pelo fato de o Cerrado não ter sido incluído no capítulo VI



Cavassan: otimismo na recuperação

da Constituição Brasileira, que transforma os grandes biomas em Patrimônio Nacional. Recentemente, um projeto de lei nesse sentido foi aprovado, em primeira instância, na Comissão do Meio Ambiente da Câmara dos Deputados.

"Além da criação de novas áreas de proteção, o desmatamento só vai cessar quando a conservação dos ecossistemas naturais no uso da terra passar a ser vista como opção compensadora para o proprietário rural", analisa Gisela Durigan, pesquisadora do Instituto Florestal de Assis e integrante do Projeto Biotat-Fapesp.

O docente Osmar Cavassan tem uma visão otimista sobre as chances de recuperação do Cerrado. Ele cita o sucesso de

uma experiência de reflorestamento com plantas nativas em uma área devastada para a duplicação da Rodovia Marechal Rondon. "Os resultados mostraram rápido desenvolvimento das espécies pioneiras", aponta. "O grande problema é a obtenção de mudas nativas."

Em relação à fauna, a reintrodução de animais em extinção no seu *habitat* de origem pode ser uma solução. O docente José Duarte coordena um projeto para reintroduzir o cervo-do-pantanal nas várzeas próximas ao Rio Mogi-Guaçu, no município de Luis Antônio. "O objetivo é associar a imagem do animal à preservação destes locais" diz o docente, que coordena o Núcleo de Pesquisa e Conservação de Cervídeos (Nupecce).

O biólogo Mauro Galetti, do IB, *campus* de Rio Claro, defende em alguns casos a introdução de animais de grande porte, como antas, queixadas, veados-mateiros e até mamíferos não nativos, como cavalos e elefantes, para a preservação do meio ambiente. Eles serviriam como dispersores de sementes em áreas degradadas. "A introdução de cavalos, impalas, elefantes no nosso Cerrado certamente chocará muitos conservacionistas, mas acredito que, em áreas restritas e bem controladas, eles podem ajudar a retomar a dinâmica deste ecossistema", argumenta. (JZ)



Montagem Daniel Patire

A retomada do Rondon

O Caderno Fórum deste mês traz cinco visões – dois entrevistados e três artigos – do Projeto Rondon. A UNESP participou este ano com grupos de jovens universitários enviados ao Vale do Ribeira, no Estado de São Paulo, e ao município de Jordão, no Acre. Se, por um lado, as populações locais são beneficiadas com numerosas ações sociais desenvolvidas pelos estudantes, por

outro, os unespianos e alunos de outras instituições que participam do Projeto, reativado em 2005, vivenciam, no período em que ficam em realidades bem diferentes daquelas a que estão acostumados, um universo inesquecível de experiências. Estas quatro páginas contam um pouco das histórias de pessoas que, cada qual à sua maneira, vivenciaram diferentes momentos do Projeto.

Operações precisam chegar a mais pontos do País

Entrevista com o general Rômulo Pereira e o general Celso Krause Schramm

Página 2

As etapas de uma trajetória solidária

João Alberto Paschoa

Página 2

O Brasil que não vemos

Daniel Patire

Página 3

Experiências rondonistas de 1981 e 2006

Lin Chau Ming

Página 4

GENERAL RÔMULO PEREIRA e
GENERAL CELSO KRAUSE SCHRAMM

Operações precisam chegar a mais pontos do País

Após a sua reativação em 2005, o Projeto Rondon passou a ser coordenado pelo Comitê de Orientação e Supervisão (COS), comissão interministerial presidida pela Secretaria de Estudos e Cooperação (SEC) do Ministério da Defesa (MD). Nesta entrevista, o general da reserva Rômulo Pereira, chefe da SEC, e o general-de-brigada Celso Krause Schramm, coordenador-geral do Projeto Rondon, abordam o planejamento das operações, que já envolveram cerca de 1.800 universitários.



Daniel Patire

Caderno Fórum: Como os senhores avaliam as operações realizadas em julho?

General Rômulo Pereira: Completamos nossa sexta operação, ao finalizar as atividades no Acre e no Vale do Ribeira, com cerca de 500 estudantes e professores. E a nossa primeira avaliação é altamente positiva. Houve um empenho muito grande das Universidades e um empenho ainda maior dos estudantes. E pude perceber que o trabalho foi muito bem aceito pela comunidade local, o que é muito importante para nós.

CF: Em 1989, o então presidente José Sarney extinguiu o Projeto Rondon. Como se deu a reativação?

General Celso Krause Schramm: O Projeto Rondon foi proposto em 1966 e a primeira missão aconteceu em 1967, em Rondônia. Seguiram-se várias missões de vulto, que movimentaram uma quantidade muito grande de rondonistas, criando postos avançados de diversas universidades no interior do País. O Projeto durou como ação governamental até 1989, quando foi extinto. Na década de 1990, um grupo de idealistas criou uma ONG e continuou as operações. Em 2003, atendendo a um pedido da UNE (União Nacional dos Estudantes), o presidente Luís Inácio Lula da Silva recriou o Projeto Rondon, atribuindo sua coordenação ao MD. Nessa nova fase, o nosso grande objetivo é levar o estudante a locais mais distantes e de difícil acesso, com baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), de maneira que ele saia um pouco da sala de aula e conheça a realidade do Brasil.

CF: Nessa nova fase, qual a periodicidade das operações?

Gen. Krause: São organizadas duas missões por ano, que acontecem no período de férias, ou seja, em janeiro-fevereiro e em julho. Após selecionarmos os municípios que receberão o Projeto e as IES (Instituições de Ensino Superior), as equipes de caráter multidisciplinar trabalham com fatores multiplicadores nessas cidades, isto é, elas capacitam agentes de saúde, gestores públicos e educadores.

CF: Como acontece a seleção dos municípios e das IES?

Gen. Pereira: Primeiro, nós fazemos contato com os municípios para saber do interesse de receber o Projeto Rondon. A etapa seguinte é travarmos um diálogo com os Estados. Com esse trabalho conjunto, selecionamos as cidades.

CF: E como é a participação das IES?

Gen. Pereira: Só para dar um exemplo, nós vamos abrir o edital para o Projeto Rondon na região amazônica, com o qual chegaremos a um universo de 300 instituições, para uma seleção de 60. Para ser selecionada, a instituição tem que preencher alguns requisitos declarados no nosso edital. Selecionamos as universidades considerando alguns aspectos logísticos, como a facilidade de deslocamento.

CF: O senhor falou em deslocamento, apoio logístico. Como se dá esse planejamento?

Gen. Pereira: O planejamento de uma operação é muito complexo. Por exemplo, se uma equipe de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, vai para Tabatinga, no Amazonas, nós precisamos coordenar ações com a Força Aérea, o Exército e prefeituras. Temos também uma grande preocupação com o jovem participante, pois ele está sob nossa responsabilidade. Além disso, queremos que ele tenha todo o apoio para trabalhar.

Gen. Krause: O Projeto Rondon utiliza a estrutura das Forças Armadas, que tem uma capilaridade muito grande. O COS solicita o apoio das três Forças – Marinha, Exército e Aeronáutica –, e elas nos atendem com muito boa vontade.

CF: A operação mais recente ocorreu em duas regiões bem distantes. Desde a reativação do Projeto Rondon, foi a primeira vez que isso ocorreu. Podemos identificar isso como uma tendência?

Gen. Pereira: A idéia é diversificar, sim. Já estivemos presentes em nove Estados. Tivemos operações no Vale do Jequitinhonha (MG), Vale do Ribeira (SP e PR) e também na Amazônia legal. Pretendemos ainda atuar na região Nordeste. Nossa intenção é firmar o nome do Projeto Rondon, que é uma grande ação de cidadania.

Gen. Krause: É uma tendência procurarmos atuar em diversas regiões. Alguns municípios no Vale do Ribeira têm tantos problemas quanto a região amazônica. E essa é uma realidade que precisa ser conhecida pelos nossos universitários.

As etapas de uma trajetória solidária

JOÃO ALBERTO PASCHOA

Quando criança, ouvia pais de amigos falando sobre o Projeto Rondon como “um movimento criado pelos governos militares para anestesiar a juventude universitária”, ou ainda como “um instrumento da propaganda oficial do autoritarismo”. A iniciativa do governo federal, lamentavelmente, era sempre tratada de forma depreciativa, superficial e irresponsável, como sendo simplesmente “mais um resquício dos tempos da ditadura”.

Ainda aluno do curso de Biologia Marinha da Unisanta (Universidade Santa Cecília), em 1995, vi nos murais um cartaz recrutando estudantes para participar do Programa Universidade Solidária, feito nos moldes do atual Projeto Rondon, e tive a certeza de que aquela era a atuação social que desejava desenvolver. Fui selecionado e partimos para Feira Nova, no Agreste Pernambucano.

Foi uma experiência excelente, que abriu meus olhos para um Brasil que jamais havia visto, exceto pelas informações da mídia sobre o crônico problema da seca. Saí daquele município com a impressão de que todos os alunos brasileiros deveriam participar de uma ação de extensão universitária com aquele tipo de enfoque prático.

Após aquela experiência, não parei mais. Participei e participei ainda hoje, como docente da Unisanta – na qual trabalho desde 1998 na coordenação de trabalhos de cunho solidário e científico –, de diversos projetos nas mais diferentes regiões do País e até no distante Timor Leste.

Em 2005, surgiu a oportunidade de participar do Projeto Rondon. Na Operação Acre, em outubro, passei a conhecer o que é esse Projeto e sua enorme contribuição para o universitário brasileiro. Na posição de professor e coordenador, também não hesitei em conhecer e trabalhar numa realidade diferente de nossa “selva de pedra”, pensando sempre na oportunidade de propiciar aos alunos o verdadeiro conhecimento do Brasil. Em Porto Walter (AC), município em que atuamos, fizemos muitos amigos e deixamos uma semente plantada, da qual até hoje acompanhamos o desenvolvimento, através dos constantes contatos e das amizades que lá cultivamos.

Mas ainda não havia finalizado meu sonho. Com outro colega coordenador, partimos para a cidade de Iporanga (SP), para uma visita precursora, onde pudemos verificar as necessidades imediatas da localidade. Montamos uma equipe de alunos voluntários, direcionada aos anseios municipais, e, após uma intensa preparação, trabalhamos vigorosamente durante quinze dias.

Em Iporanga, foram desenvolvidas iniciativas voltadas para ação e cidadania, em parceria com a área de Ciências Agrárias do campus da UNESP de Botucatu, que trabalhou com gestão pública e saneamento.

Logo na chegada, nos reunimos com alguns jovens daquele município que participam de um grupo de estudos cujo objetivo é “mudar a visão

dos jovens brasileiros”. Foi o primeiro momento em que pude sentir a real necessidade que os universitários rondonistas possuíam de ajudar aqueles jovens. Dois dias depois, em reunião com o grupo nas dependências do nosso “hotel” (uma sala de aula improvisada como dormitório), passei a refletir sobre a importância de trabalhar como voluntário para um bem maior, em pleno mês de julho, período de férias escolares. As lágrimas acabaram sendo a expressão direta do meu sentimento naquele instante.

Outros fatos marcaram nosso trabalho, como os “cinemas diários”: projetávamos filmes na parede lateral da igreja e, pela falta de atividades culturais na cidade, tínhamos sempre um excelente público. Ações sociais em conformidade com o Estatuto do Idoso também foram desenvolvidas. Foi dada uma grande força ao grupo da melhor idade do municí-



pio, que estava passando por momentos turbulentos, com a falta de apoio da comunidade. Com atenção e dedicação, os rondonistas conseguiram erguer a auto-estima do grupo, que fez até cantoria na praça, além de solicitar filmes específicos para sua idade.

A primeira apresentação da Banda Municipal foi outra atividade digna de orgulho da equipe, graças principalmente ao papel desempenhado por uma universitária, que também é musicista. Tocando sua flauta transversal, ela encantou e incentivou os jovens músicos municipais, articulando juntamente com o maestro local a primeira apresentação na praça.

Tornei-me um grande entusiasta das Operações do Projeto Rondon, e a cada missão volto com impressões positivas e com o coração limpo e cada vez mais aberto para novos intercâmbios culturais.

João Alberto Paschoa é professor do Departamento de Biologia Marinha da Universidade Santa Cecília – Santos (SP) e coordenador do Projeto Rondon – Operação Vale do Ribeira – 2006

O Brasil que não vemos

DANIEL PATIRE

Do alto, avistamos o município de Jordão, no Estado do Acre. Telhas cobrem pequenas casas de madeira. Algumas construções de alvenaria destoam no povoado. Preparamos-nos para aterrissar. O monomotor Caravan da Força Aérea Brasileira derapa na pista de terra. Avião parado e poeira assentada, um grupo de crianças nos cerca no desembarque.

Elas querem ver quem chegou no “avião grande” (mesmo que ele não seja tão grande assim!) e também conseguir algumas guloseimas, como os bombons dados pelo comandante. Entre elas, uma menina adianta-se e diz: “Vocês vieram pra ensinar a gente? Vão fazer consultas?”.

A pergunta da menina, que se apresenta como Sebastiana de Lima, reflete a expectativa com que nos esperava a comunidade. Ela se somava à frustração de a cidade não ter recebido a visita prometida. Em outubro de 2005, eles aguardavam uma outra equipe da UNESP, que, na ocasião, teve a operação abortada devido à grande quantidade de chuva e à insegurança no momento do pouso.

era considerada pobre. Assim, o quadro que fazíamos da cidade não era dos melhores.

Guiados pelo trio, o primeiro contato visual com Jordão nega nossas pinturas impressionistas. Note-se, pelo número de obras, como construções de edificações e o calçamento das ruas com tijolos de cerâmica vermelha, que a cidade busca o desenvolvimento. Tal fato obrigou-nos a criar um questionário para conhecermos melhor a realidade local. De casa em casa, questionávamos as condições sanitárias, de educação e outras relacionadas à saúde.

Nossa primeira conclusão foi que os números encontrados sobre a cidade na Internet estão bem defasados. Em um *site*, encontramos o número de 120 casos no perímetro urbano de Jordão; contudo, visitamos 250 residências. Além disso, os moradores recebem orientação odontológica básica, quase todas as casas têm abastecimento de água proveniente de uma estação de tratamento que capta a água de um igarapé e praticamente todos os habitantes da área urbana frequentam a escola.

De posse dessas informações, as escolas municipal e estadual foram eleitas os meios pelos quais atingiríamos a maior parte da população. Os estudantes, então, planejaram e ministraram, com o apoio dos professores orientadores, palestras, oficinas e aulas de Educação Física, Meio Ambiente e Saúde, de caráter multidisciplinar. Além das aulas, as futuras odontologistas integrantes do grupo realizaram procedimentos clínicos e cirúrgicos na boca das crianças.

O público infantil foi maioria também nas apresentações. Nossa guia Sebastiana, que estuda na Escola Municipal e cursa a 3ª série do Ensino Fundamental, participou das atividades planejadas para sua escola. Sua mãe faz o curso do Ensino para Jovens e Adultos (EJA) e, por isso, ela estava novamente nas palestras para o público adulto.

Como não podia deixar de ser, a participante assídua de nossas atividades se inscreveu para receber o tratamento odontológico. E, no dia marcado, ansiosa, ela e outros pequenos conduziram as “dentistas” pelas mãos da pensão até o consultório.

Os comentários nas ruas, as salas de aula ou a Câmara Municipal – que também abrigou algumas palestras – lotadas demonstraram que as ações agradaram àquela população carente e ávida por informação. No dia de nossa partida, uma multidão estava na pista para dizer adeus. E como o número era maior do que em nossa chegada, me atrevo a dizer que conquistamos amigos.

O Projeto Rondon possibilitou aos estudantes viverem situações muito adversas, como a falta de material e equipamentos para o atendimento médico, que eles superaram. Permitiu ainda conhecer uma cultura diferente, como a dos índios Kaxinawá. Sobre tudo, o Brasil que não se vê nos centros universitários mostrou-se a esses rondonistas com toda a sua iconografia. A fome, o mínimo saneamento básico, coronelismo, entre outras deficiências do sistema público, são, para nós, as condições de vida de pessoas com as quais compartilhamos sonhos.

Daniel Patire, jornalista que atua na Assessoria de Comunicação e Imprensa da UNESP, integrou, a convite da Pró-Reitoria de Extensão Universitária (Proex), de 11 a 25 de julho, uma equipe multidisciplinar da Universidade em Jordão, Acre.



Montagem Daniel Poline

Experiências rondonistas de 1981 e 2006

LIN CHAU MING

Participei do Projeto Rondon pela primeira vez em 1981, ainda estudante de Agronomia. Não tenho frescas em minha memória as situações que vivenciei naquele tempo. As imagens mentais teimam em não ser nítidas, corroídas pelo passar dos anos e por não terem sido solicitadas desde então.

Confesso que procurei participar do Projeto Rondon naquela ocasião motivado por algumas questões pessoais. A primeira, não sei se a mais importante, era porque a ESALQ-USP mantinha um posto avançado em Marabá, no Estado do Pará e eu era um estudante extremamente interessado em conhecer a Amazônia, a floresta tropical cheia de mistérios e desconhecida para a grande maioria dos brasileiros que morava em cidades, como eu. O segundo motivo estava ligado ao interesse em conhecer as populações que habitavam aqueles confins do Brasil. Questões sociais já afloravam em minhas idéias e eu queria poder sentir mais de perto as condições de vida daquelas pessoas.

A região de Marabá fervilhava naquela época por causa das atividades do garimpo de Serra Pelada. Dezenas de histórias ouvi, acerca do enriquecimento ou da miséria dos aventureiros que lá chegaram. Recordo-me de uma foto que o dono de um bar da cidade havia mostrado, a de uma lata, daquelas de 18 litros, com ouro até a borda. Acho que ainda veio de lá a maior pepita de ouro já encontrada no Brasil.

Recordo-me também das imagens daqueles garimpeiros, os "formigas", trepados naquelas escadas toscas de madeira, que desafiavam as leis do equilíbrio. Diziam que, na época áurea, o garimpo tinha cerca de 20 mil homens. Sofridos seres, como que participantes de um épico babilônico, cada um com um saco de terra

nas costas, a subir, degrau a degrau, até atingirem os locais para lavagem daquele conteúdo, com a esperança de obterem a sorte grande na loteria de Midas para o dono do barranco.

Além dos garimpeiros, a cidade recebia a visita de mulheres, principalmente na época do pagamento dos trabalhadores do garimpo. Centenas de mulheres, talvez milhares, saciavam os desejos inconfessáveis daqueles homens solitários, em troca de alguns gramas do metal dourado, pagos sem pestanejar.

Das atividades realizadas, visitei algumas comunidades rurais. Comecei a tomar contato mais forte com as características da agricultura familiar, opção que se tornou, então, definitiva para minha futura vida profissional. Conheci espécies e variedades de plantas alimentares muito diferentes, que não conheceria na faculdade. Tive

contato com tecnologias adaptadas pelos agricultores, baseadas em necessidades locais. De novo, nada disso seria visto na vida acadêmica.

Hoje, imerso nas atividades do novo Projeto Rondon, Operação Vale do Ribeira, reflito sobre os trabalhos que estão sendo desenvolvidos. Penso se a concepção e os objetivos do Projeto, nos dois momentos, são os mesmos.

As entidades proponentes sofreram alterações. A União Nacional dos Estudantes (UNE) é hoje uma das parceiras. Naquela época, não; banida pela ditadura militar, foi reconstruída em 1978. No bojo das idéias da UNE, fundamentos teóricos da participação estudantil cidadã são levados em consideração. A entidade

preocupa-se que este trabalho de extensão universitária não tenha o caráter eminentemente assistencialista que marcou a antiga versão.

O Ministério da Defesa, de filosofia mais conservadora, ainda mantém o ar de caserna na preparação dos grupos de universitários, cada um coordenado por um ou dois docentes. Na versão anterior, não havia a participação dos docentes, pelo menos quando eu participei.

Um ritual de preparação dos participantes foi realizado, dentro de um quartel militar. Não tive esta preparação anteriormente. Creio que para a maioria dos participantes, foi um local insólito, além do convívio com situações, no mínimo, diferentes.

Houve ainda uma abertura mais formal da operação deste ano, com apresentação de discursos dos representantes das instituições. Não se poderia conce-

ber, na versão anterior, a participação, na mesma mesa, de representantes da UNE e do Exército. No evento deste ano, o presidente da entidade estudantil se referia ao parceiro desta nova empreitada, o comandante do Comando Militar do Sudeste, em sua fala e vice-versa. As pessoas mudam, a sociedade se modifica e os sorrisos amarelos também.

Há a participação de dezenas de universidades, públicas ou privadas, de incontáveis cursos, mantendo uma rica pluralidade acadêmica e uma profícua interação de pensamentos e ações. Atividades transversais são incentivadas e programadas, os saberes acadêmicos se permeiam, junto com os saberes locais, consolidando, em sua maioria, trabalhos in-

terdisciplinares, mesmo com tão pouco tempo de articulação e preparação entre os grupos participantes. Priorizar ações que proporcionem um continuar autônomo das comunidades é o objetivo inerente à nova proposta.

No local, o contato, o conhecimento e o envolvimento dos diversos atores sociais são fundamentais para o sucesso e a abrangência do trabalho. A imersão dos participantes é muito grande. Mesmo em tão pouco tempo, conhecem-se os meandros da vida social, econômica, cultural e política da cidade. Mesmo que sejam diferentes dos municípios de onde viemos, trata-se da realidade, no seu estado mais bruto, aquele que tem interferência direta na vida dos moradores locais.

Isso tem sido discutido diariamente pelo grupo, mostrando o formato e os limites das interações sociais locais. Não tive essa oportunidade quando estive em Marabá; lá as coisas eram digeridas única e exclusivamente por mim, no silêncio de minhas introspecções, reflexões e pensamentos.

O ganho atual tem sido grande. Hoje, a experiência tem trazido uma contribuição muito importante para a opção profissional dos alunos envolvidos. Ninguém consegue se manter isento ou apático diante das situações encontradas. O crescimento pessoal é, também, outra marca indelével. Que bom pudesse ser assim sempre. O tempo passou, a sociedade mudou. Minhas experiências do Rondon também.

Lin Chau Ming é professor do Departamento de Produção Vegetal – Setor Horticultura, da Faculdade de Ciências Agrônômicas, campus da UNESP de Botucatu, e participou do Projeto Rondon – Operação Vale do Ribeira – 2006

Ninguém consegue se manter isento ou apático diante das situações encontradas

BOTUCATU I

Ciência Florestal terá pós-graduação

Mestrado e doutorado abertos na Faculdade de Ciências Agronômicas obtêm conceito máximo da Capes

Em março de 2007, a Faculdade de Ciências Agronômicas (FCA), *campus* de Botucatu, passará a oferecer o programa de pós-graduação em Ciência Florestal, ligado ao Departamento de Recursos Naturais. A aprovação pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) ocorreu em junho. Serão abertas 15 vagas para mestrado e dez para doutorado. As inscrições ocorrerão em outubro e o processo seletivo, em novembro.

Tanto o mestrado quanto o doutorado começam com a avaliação nível 4. "É um nível alto, o máximo com que a Capes classifica cursos iniciantes", explica o professor Iraê Amaral Guerrini, idealizador do programa juntamente com o professor Edson Seizo Mori, que é o responsável por sua estruturação. "Conseguimos essa classificação devido à



Oportunidades de aperfeiçoamento: 15 vagas para mestrado e dez para doutorado

Noélio Ipe

nossa estrutura e ao nível dos docentes envolvidos."

Os professores ligados ao curso integram grupos de pesquisa como o Centro Virtual de Pesquisas em Madeiras, o Genoma Funcional do Eucalipto e trabalhos com produção florestal sustentável. Além disso, há diversos convênios da FCA com instituições de pesquisa nos Estados Unidos e Europa e com empresas da área florestal. "Além disso, temos boas áreas nativas disponíveis para a pesquisa."

A expectativa dos organizadores é que a pós-graduação também traga benefícios para a graduação. "Os graduandos poderão acompanhar e participar das pesquisas dos alunos de pós-graduação, o que só colabora para melhorar sua formação", diz Guerrini.

Sérgio Santa Rosa Assessoria de Imprensa da FCA

BOTUCATU II

Diretor da FCA recebe Medalha Fernando Costa

Prêmio destaca engenheiros agrônomos que beneficiaram agricultura de SP

Leonardo Theodoro Büll, diretor da Faculdade de Ciências Agronômicas, *campus* de Botucatu, recebeu a Medalha Fernando Costa – Categoria Ensino, concedida pela Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (Aeasp). A premiação, ocorrida em maio, homenageia os engenheiros agrônomos responsáveis por grandes benefícios para a agricultura paulista.

Estiveram presentes à cerimônia o então ministro da Agricultura e Pecuária, Roberto Rodrigues, o senador Jonas Pinheiro e o secretário de Agricultura e Abastecimento de São Paulo, Alberto José Macedo Filho. "Vejo esse prêmio, em



Büll: tributo acadêmico

primeiro lugar, como uma deferência para a FCA. Ele é tributo à minha carreira acadêmica, mas o peso maior foi o fato de dirigir a Faculdade. Quero dividi-lo com todos os demais colegas da instituição", comentou.

Büll é graduado em Agronomia pela UNESP, onde defendeu o mestrado em Solos e Nutrição e Plantas, área em que defendeu o doutorado na USP. Realizou seu pós-doutorado no Centro de Pesquisa de Agricultura Tropical, no Japão, e a livre-docência na UNESP. (Colaborou **Hong Tsi Pan**, bolsista UNESP/Universia/FCA/Botucatu)

COMUNICAÇÃO

UNESP-FM transmite em tempo integral

Emissora enfatiza jornalismo e apresenta sonoridades não comerciais

Desde 13 de maio, quando completou 15 anos, a Rádio UNESP-FM está 24 horas no ar, com programação própria. A emissora também inaugurou o seu novo *slogan* ("UNESP-FM: aprender a ouvir"). Segundo Ricardo Alexino Ferreira, diretor dessa unidade complementar da UNESP, a proposta é que a rádio tenha um caráter cultural e educativo tanto em sua programação como internamente. "A UNESP-FM tem o compromisso de transformar ensino, pesquisa e cultura em linguagem radiofônica contemporânea que sirva de referência para o ouvinte", explica.

Há ainda projetos de estímulo a apoio cultural. Os primeiros contra-

tos, em fase de consolidação, são com a Cultura Inglesa de Bauru e a Art Comunicação. "Os apoios culturais não envolvem financiamentos em dinheiro, já que não temos caráter de fundação, mas troca de serviços e oferta de produtos", explica o diretor. "A Rádio UNESP-FM deu, nos últimos meses, um salto qualitativo. Estamos conseguindo maior interação do ouvinte e do internauta, que acessa a rádio pela Internet." Informações: <http://radio.unesp.br/>



Divulgação

LEITURA DINÂMICA

TERCEIRA IDADE

A Faculdade de Odontologia da UNESP, *campus* de Araraquara, sob a coordenação da docente Edvani Vicente Dotta, juntamente com os alunos de graduação Vanessa Regina Marchi e Yuri Lima Ribeiro, criou um curso de Informática para a terceira idade. Intitulada "Utilização da Internet para a Terceira Idade", a atividade é destinada a alunos cadastrados no programa Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati), da Pró-Reitoria de Extensão Universitária (Proex). O curso inclui conceitos básicos sobre microinformática, e-mail e sites de interesse dos alunos. "É possível constatar uma felicidade muito grande dos participantes quando possuem um e-mail e, por meio dele, podem se comunicar com filhos, netos, parentes e amigos", diz Edvani. (Denise de Souza Matos, bolsista UNESP/Universia/FO/Araraquara)

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Por meio do projeto de extensão Universidade no Bosque, graduandos e pós-graduandos da área biológica do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ilbce), da UNESP, *campus* de São José do Rio Preto, promovem a Educação Ambiental no Bosque e Zoológico Municipal. O trabalho envolve jogos, pintura, oficinas de reutilização e reciclagem e informações sobre fauna, flora e problemas ambientais da região. "O treinamento dá subsídios para que os alunos criem diferentes atividades a cada evento, além de embasar o conhecimento transmitido à população", explica a docente Eliane Gonçalves de Freitas, coordenadora do projeto. (Lucia de Mello Barbosa, bolsista UNESP/Universia/Ilbce/São José do Rio Preto)

INTERCÂMBIO

O *Campus* do Litoral Paulista (CLP) da UNESP, em São Vicente, recebeu este ano a sua primeira estudante estrangeira. A francesa Catherine Gonnat, 24 anos, que cursa Engenharia Agrônoma na Escola Nacional Superior de Agronomia de Rennes, veio realizar seu trabalho de conclusão de curso. O convênio, realizado entre a UNESP, a Epagre (Empresa Catarinense de Pesquisa

Agropecuária), a escola francesa e o Cirad (Instituto Francês de Pesquisa Agrônoma), tem como parceiro o Instituto de Pesca de São Paulo. "A intenção é aumentar o número de estudantes que participam desse programa", afirma Denis Abessa, docente do CLP e co-orientador do projeto. (Felipe Augusto Zanusso Souza, bolsista UNESP/Universia/CLP/São Vicente)

HOMENAGEM I

Em maio, o Colégio Técnico Industrial (CTIG) da Faculdade de Engenharia (FE), *campus* da UNESP de Guaratinguetá, recebeu o nome do seu fundador e primeiro diretor: "Professor Carlos Augusto Patrício Amorim". Na presença de Tânia Cristina Macedo e Júlio Santana, respectivamente, diretora e vice-diretor da FE, Maria Amélia Máximo de Araújo, pró-reitora de Extensão Universitária, e Maria Auxiliadora Ribeiro Fontes Gonçalves, diretora do CTIG, além de professores e funcionários, foi descerrada por Amorim a placa comemorativa, no prédio da Administração. "Ele é um exemplo para todos nós", disse Tânia. (Augusto Fontan Moura, bolsista UNESP/Universia/FE/Guaratinguetá)

HOMENAGEM II

O professor José de Arruda Penteado foi homenageado com a inauguração de uma placa de bronze que batiza a biblioteca do Instituto de Artes (IA) da UNESP, *campus* de São Paulo, com seu nome. Ele começou ministrando aulas na unidade da UNESP de São José do Rio Preto, transferindo-se posteriormente para o IA, onde permaneceu, "mesmo aposentado e com mais de 70 anos, ministrando aulas na pós-graduação", segundo João Cardoso Palma Filho, diretor do Instituto. Foi professor da UNESP até o ano de sua morte, em julho de 2004. "Arruda foi um dos fundadores do Núcleo de Estudos Freinet e teve participação importante na aprovação da primeira Lei de Diretrizes e Bases, em 1961", enfatiza Palma. (Alexandre M. Ferreira, bolsista UNESP/Universia/IA/São Paulo)

QUÍMICA EXPERIMENTAL

Foram iniciadas no primeiro semestre as aulas do projeto Química Experimental ao Alcance de Todos, fruto de parceria entre o *campus* da UNESP em Itapeva e a Pró-Reitoria de Extensão Universitária (Proex). A iniciativa visa levar a Química Teórica e Experimental a escolas públicas de ensino médio de Itapeva, por

meio de aulas experimentais no laboratório de química da unidade. O projeto iniciou-se em 2005 e foi desenvolvido pela docente Maria Angélica Martins Costa e seus colaboradores, os professores José Cláudio Caraschi e Francisco de Almeida Filho. As aulas são monitoradas pelos alunos Marília da Silva Bertolini e Luis Ricardo Oliveira Santos, do curso de Engenharia Industrial Madeireira, e são orientadas e acompanhadas por técnicos e professores da unidade. "Espera-se que os alunos do ensino médio demonstrem um interesse maior pela disciplina e se interessem por ingressar no meio universitário", diz Maria Angélica. (Estefânia Costa Vieira, bolsista UNESP/Universia/Itapeva)

CAPOEIRA

O Diretório Acadêmico Waldemar Safiotti (Daws), do Instituto de Química (IQ) da UNESP, *campus* de Araraquara, em parceria com a prefeitura, oferece aulas de capoeira, uma das atividades do projeto de Oficinas Culturais, implantado desde 2002. No IQ, as vivências são realizadas aos sábados, ministradas pelo mestre Gilson Alves de Almeida. "Há uma preocupação em apresentar a capoeira aos alunos de forma integral. Eles aprendem tanto os movimentos característicos, quanto a sua história e fundamentos. Temas como cultura, arte, política, direitos e discriminação racial são discutidos durante a oficina", comenta o mestre. (Átila Verlane Soares, bolsista UNESP/Universia/IQ/Araraquara)

PREVENÇÃO DE ACIDENTES

Alunos da Faculdade de Medicina da UNESP, *campus* de Botucatu, sob a coordenação da docente Eliana Goldfarb Cyrino, participam de um projeto do Departamento de Saúde Pública que visa qualificar a população na promoção da segurança infantil em relação a acidentes domésticos e da infância. Em encontros semanais entre os acadêmicos e crianças em idade escolar, o grupo chama a atenção para os acidentes mais comuns. Em conversas, o público infantil aprende noções de segurança que ajudam a evitar as ocorrências mais graves, além de uma noção básica de primeiros socorros. "O conhecimento apreendido nos encontros é também transmitido pela criança para a sua família, aumentando a eficácia do projeto", comenta a professora. (Fabrício de Oliveira Cyrineu, bolsista UNESP/Universia/FM/Botucatu)

GRADUAÇÃO

UNESP se destaca em exame nacional

Mais de dois terços dos cursos receberam os melhores conceitos no Enade; porém, Pró-Reitoria faz algumas observações sobre contexto da avaliação e divulgação de resultados por jornais paulistas

A UNESP está entre as universidades com maior número de cursos com conceito máximo entre as Instituições de Ensino Superior paulistas que participaram da edição 2005 do Enade (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes). A Universidade obteve 15 das 25 notas máximas atribuídas no Estado de São Paulo pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), órgão do Ministério da Educação.

Entre as 20 carreiras de Exatas, Humanidades e Biológicas avaliadas pelo Enade, a UNESP participou com 68 cursos (veja relação no endereço http://www.unesp.br/mostra_arq.php). Destes, 18 são novos e não puderam ser examinados. Dos 50 aptos para a avaliação, inclusive aqueles cujos alunos boicotaram a prova, 78% receberam conceito 4 ou 5; 4% obtiveram conceito 3; e 18%, conceito 1 ou 2, em uma escala que variou de 1 a 5. Para efeito de comparação, os percentuais gerais brasileiros foram 26,9%, 52,9% e 20,1%, respectivamente, para os conceitos 4 ou 5, 3, e 1 ou 2. Entre os *campi* da UNESP, um dos destaques foi São José do Rio Preto, que obteve conceito 5 em quatro cursos: Ciências Biológicas, Ciência da Computação, Letras e Matemática.

Embora a Universidade tenha conquistado posição de destaque no Enade 2005, a Pró-Reitoria de Graduação (Prograd) faz algumas considerações acerca do contex-



Pró-reitora Sheila: considerações sobre a avaliação de cursos em diversas unidades, como a de São José do Rio Preto (acima)



to da avaliação e da forma como os resultados foram divulgados pelos principais jornais paulistas. O objetivo é evitar confusões para a comunidade acadêmica e a sociedade em geral, segundo a

pró-reitora Sheila Zambello de Pinho.

A Prograd destaca que a UNESP não é obrigada a se submeter ao Sistema Nacional de Avaliação, por estar sujeita à avaliação do sistema estadual paulista, ao qual pertence. No entanto, por deliberação de sua Câmara Central de Graduação, a Instituição optou por inscrever seus alunos no Enade. A razão da decisão é medir os resultados da aprendizagem de seus estudantes, pois o Conselho Estadual de

Educação de São Paulo não utiliza instrumento que permita tal avaliação. "O resultado aí está; e a UNESP não se furta a mostrá-lo", assinala a pró-reitora Sheila.

Comparação inadequada

De acordo com a Prograd, não é adequado estabelecer comparações entre o desempenho dos universitários paulistas e o dos estudantes dos demais Estados, como fez o jornal *O Estado de São Paulo*, edição de 15 de agosto, página A15. A Prograd considera baixo o percentual de 2,1% de conceitos 4 e 5 de São Paulo, pois o Estado concentra 30% das matrículas do ensino superior de graduação. Ressalte-se, porém, que duas das grandes instituições públicas, USP e Unicamp, não participaram do Exame.

Outro ponto que a Prograd julga necessário esclarecer é o fato de uma mesma área da Universidade aparecer listada tanto entre as melhores como entre as piores, como ocorreu na edição de 10 de agosto do jornal *Folha de S. Paulo*. É o caso, por exemplo, do curso de Matemática, oferecido em três *campi*. Enquanto o do *campus* de Bauru obteve conceito 1, os dos *campi* de Rio Claro e São José do Rio Preto mereceram conceito 5. No primeiro caso, o conceito se deve ao fato de que os alunos ingressantes e concluintes entregaram a prova em branco, em uma atitude de boicote.

Segundo a Prograd, a oposição de alguns alunos e organizações estudantis à avaliação é uma posição ingênua, por não vir acompanhada de qualquer reivindicação específica. A Pró-Reitoria tem procurado esclarecer seus alunos sobre a importância de fazer o Exame e os incentiva a participar conscientemente. Contudo, o Enade 2005 mostrou que universitários de alguns cursos, por razões não esclarecidas, continuam a entregar as provas em branco.

Ainda de acordo com a Prograd, é preciso que os Conselhos de Curso da UNESP e das demais instituições brasileiras, os educadores e especialistas de avaliação analisem os resultados do Enade e o Sistema Nacional de Avaliação como um todo. É importante que se aprecie a adequação da prova, os programas e as competências profissionais que as Comissões Específicas de Área desejam contemplar. "A medida é importante e pode contribuir para aperfeiçoar os instrumentos de avaliação e fazer com que eles produzam os resultados almejados", conclui a pró-reitora.



Varela (com microfone): tecnologia em debate

PESQUISA

O papel da ciência no desenvolvimento

Encontro discute importância da universidade para o País

No dia 17 de agosto ocorreu, no prédio da Reitoria em São Paulo, o II Ciclo de Debates, promovido pela Pró-Reitoria de Pesquisa em comemoração aos 30 anos da UNESP. O pró-reitor José Arana Varela presidiu o debate "Conhecimento e Desenvolvimento Econômico e Social", cujo objetivo é contribuir com a discussão sobre a participação das Instituições de Ensino Superior no desenvolvimento tecnológico e social do País.

Além de Varela, participaram do evento o docente Sérgio Novaes, do Instituto de Física Teórica (IFT) da UNESP; Tullo Vigevani, diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências, *campus* de Marília; e o diretor do Departamento de Tecnologia Corporativa da Siemens Brasil, Jefferson M. D. Pellissari.

MEMÓRIA

Senador e cônsul da Itália visitam Cedem

Documentos do arquivo da UNESP poderão integrar exposição

O Centro de Documentação e Memória da UNESP (Cedem) recebeu, no dia 17 de agosto, a visita do senador italiano José Luiz Del Roio e do cônsul-geral da Itália Marco Marcilli. Eles conheceram o arquivo do movimento de operários brasileiros, o Asmob, que contém documentos do fim do século XIX até a década de 1980.

Protegido da ditadura militar, o material ficou em custódia na Funda-



Marcilli e Del Roio: história do Asmob

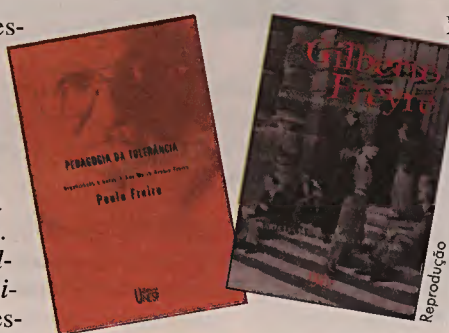
ção Feltrinelli, de 1970 a 1994, em Milão, e depois foi incorporado à UNESP. O senador Del Roio é irmão do docente Marcos Del Roio, da Faculdade de Filosofia e Ciências, *campus* de Marília, um dos responsáveis pela vinda da documentação para o Brasil. Para estimular a aproximação cultural entre os dois países, está sendo planejada exposição com o material do Cedem.

LIVROS

Duas obras da Editora UNESP ganham Jabuti

Textos de Paulo Freire e análise de Gilberto Freyre são premiados

Dois obras da Editora UNESP estão entre os vencedores da 48ª edição do Prêmio Jabuti, anunciados em agosto. *Pedagogia da tolerância*, de Paulo Freire, organizado por Ana Maria Araújo Freire, obteve o segundo lugar, na categoria Educação, Psicologia e Psicanálise. Na categoria Ciências Humanas, *Gilberto Freyre - um vitoriano dos trópicos*, de Maria Lúcia Garcia Pallares-



Burke, ficou em terceiro lugar.

O livro com textos de Paulo Freire enfatiza a tolerância, como resposta ao poder econômico que abarca de modo totalitário as relações sociais. Já a obra de Maria Lúcia elucida a formação do pensamento de Gilberto Freyre. A entrega dos troféus e o anúncio dos vencedores do Livro do Ano em ficção e não-ficção aconteceram no dia 13 de setembro.

JABOTICABAL

A construção da UNESP

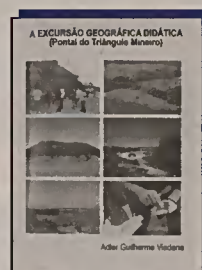
Nesta obra, Luiz Carlos Beduschi, docente aposentado em 1997 da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) da UNESP, *campus* de Jaboticabal, conta a história da instituição de 1961 a 1976. Para isso, utiliza as mais variadas fontes de pesquisa, como documentos da Assembléia Legislativa de São Paulo, gravações da antiga PRG-4 – Rádio Clube de Jaboticabal e coleções dos jornais *O democrata* e *O combate*, além de depoimentos. Com a experiência de quem viveu o processo de implantação e consolidação da Faculdade, o autor buscou, no seu arquivo pessoal e nos livros de atas dos Órgãos Colegiados da Instituição, as informações para fazer um minucioso relato. Resgatando fatos, histórias e personagens, Beduschi mostra a trajetória

do então Instituto Isolado de Ensino Superior, que em 1966, nas modestas instalações cedidas pelo Colégio Agrícola “José Bonifácio”, dava os seus primeiros passos. Hoje, é um dos mais importantes centros de produção científica e formação de recursos humanos da UNESP.

UNESP Jaboticabal: a construção de uma história (1961-1976) – Luiz Carlos Beduschi; Funep; 400 páginas; R\$ 40,00. Informações: www.funep.com.br ou funep@funep.com.br



Arquivo: Maria Amélia Brumini, primeira mulher a cursar Agraduação, durante aula prática de Trator



Reprodução



ção da paisagem”, afirma Viadana. O livro trata especificamente da excursão geográfica didática ao Pontal do Triângulo Mineiro, que apresenta todas as paisagens que predominam no Brasil Central. “É a área da confluência do Rio Paranaíba com o Rio Grande, na divisa dos Estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e São Paulo, e, em termos vegetacionais, pedológicos, morfológicos e estruturais, apresenta grande riqueza”, explica. (Ricardo Beserra Santos, bolsista Unversia/UNESP/IGCE/Rio Claro)

A excursão geográfica didática (Pontal do Triângulo Mineiro) – Adler Guilherme Viadana; Laboratório de Planejamento Municipal, Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP, *campus* de Rio Claro; 94 páginas; R\$ 10,00. Informações: adlergv@rc.unesp.br ou (19) 3524-4309/3526-2225/3526-2244.

GEOGRAFIA

Ensino com excursão

Adler Guilherme Viadana, professor do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) da UNESP, *campus* de Rio Claro, dá ênfase, neste livro, ao trabalho empírico de campo. A obra fornece subsídios, sobretudo aos alunos de graduação em Geografia, sobre a saída ao campo. “É nessa atividade que está o laboratório do geógrafo. Infelizmente, porém, existe uma lacuna bibliográfica enorme no que diz respeito a orientações para trabalhos de campo, para leitura e interpretação, análise e avaliação

da paisagem”, afirma Viadana. O livro trata especificamente da excursão geográfica didática ao Pontal do Triângulo Mineiro, que apresenta todas as paisagens que predominam no Brasil Central. “É a área da confluência do Rio Paranaíba com o Rio Grande, na divisa dos Estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e São Paulo, e, em termos vegetacionais, pedológicos, morfológicos e estruturais, apresenta grande riqueza”, explica. (Ricardo Beserra Santos, bolsista Unversia/UNESP/IGCE/Rio Claro)

A excursão geográfica didática (Pontal do Triângulo Mineiro) – Adler Guilherme Viadana; Laboratório de Planejamento Municipal, Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP, *campus* de Rio Claro; 94 páginas; R\$ 10,00. Informações: adlergv@rc.unesp.br ou (19) 3524-4309/3526-2225/3526-2244.



Dança, Pablo Picasso

TEATRO

Da Grécia ao século XX

Este volume reúne 13 estudos de teatro, em sua maioria resultados de trabalhos acadêmicos de professores ou pós-graduandos da UNESP. As coordenadoras, Lúcia Fachin e Maria Celeste Consolin Dezotti, ambas docentes da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, *campus* de Araraquara, tomando como critério as datas das peças estudadas, dividem o conjunto em dois blocos. O primeiro, com cinco ensaios, contempla autores da Antiguidade Clássica, como Sófocles, Eurípidas, Aristófanes e Sêneca. O outro, com oito textos, estuda produções dramáticas dos séculos XIX e XX, enfocando autores como Brecht, Gogol, o português

José Régio e os brasileiros Oswald de Andrade, Plínio Marcos e Martins Pena. “Os textos compõem um quadro significativo do teatro ocidental. É acentuado o vigor do teatro clássico e, ao mesmo tempo, a originalidade do teatro moderno, que muitas vezes se embasa em reelaborações de antigas matérias-primas”, diz Lúcia.

Em cena o teatro – Lúcia Fachin e Maria Celeste Consolin Dezotti; Estudos Literários 5; Cultura Acadêmica Editora e Laboratório Editorial UNESP/Araraquara; 238 páginas; R\$ 25,00. Informações: (16) 3301-6275 ou laboratorioeditorial@fclar.unesp.br

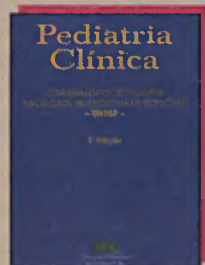


Mãe presta a lavar seu filho sonolento, Mary Cassatt

MEDICINA

Atenção à criança

Oferecer a acadêmicos, residentes e especialistas o que há de mais atual no campo da clínica pediátrica é a proposta desse livro, lançado pelo Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina (FM) da UNESP, *campus* de Botucatu. “Com avanços nos métodos diagnósticos e terapêuticos, que propiciaram inclusive a descoberta de novas doenças, a atualização do conhecimento se torna imprescindível a todos os profissionais envolvidos com os cuidados da criança, desde o nascimento até a adolescência”, diz Antonio Zuliani, chefe do Departamento de Pediatria da FM e um dos organizadores do livro. A obra tem 24 capítulos, escritos por 39 médicos e docentes da FM e 128 colaboradores de outras instituições de ensino e pesquisa do País. Assistência ao recém-nascido, bioética em pediatria, cirurgia pediátrica, distúrbios de conduta, neonatologia, medicina do adolescente, infecções e parasitoses, nutrição, biologia molecular e tratamento de doenças com células-tronco são alguns dos temas abordados.



Pediatria clínica – Profissionais do Departamento de Pediatria Faculdade de Medicina da UNESP, *campus* de Botucatu; Editora de Publicações Biomédicas Ltda.; 863 páginas; R\$ 119,00. Informações: (11) 3255-0249, (24) 2237-0237 ou pediatri@fmb.unesp.br

SAÚDE

Relação público-privado

A publicação *Interfaces* traz, nesta edição, um dossiê sobre o Estado, o público e o privado, temas enfocados com recortes distintos e complementares. Giovanni Gurgel Aciole da Silva, da Universidade Federal de São Carlos, examina essas esferas buscando superar a tradicional leitura dicotômica. Fausto Pereira dos Santos, da Agência Nacional de Saúde Suplementar, e Emerson Elias Merhy, professor visitante da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), examinam a regulação pública na saúde; enquanto Maria de Fátima Siliansky de Andreazzi e Diana Carvalho, da UFRJ, e Marco Antonio Ratzsch de Andreazzi, do IBGE, apresentam proposta metodológica de análise e gestão de conflito

na relação público-privado no setor saúde. Outros textos tratam da questão curricular na formação universitária, da problemática da saúde bucal na terceira idade, de estratégias de saúde em diferentes contextos e espaços das práticas de atenção à saúde.

Interface – Comunicação, Saúde e Educação; volume 10, número 19, janeiro/junho 2006; Fundação UNI/UNESP; 274 páginas; assinatura anual: R\$ 40,00 (individual) e R\$ 55,00 (institucional). Informações: (14) 3815-3133 ou infce@fmb.unesp.br



New York, NY, Franz Kline

Em defesa da qualidade acadêmica

Autor analisa editoras universitárias para criticar ênfase do ensino superior na produção quantitativa

OSCAR D'AMBROSIO

Numerosas inquietações rondam a universidade em todas as suas áreas de atuação, seja no ensino, na pesquisa ou na extensão. De uma forma ou de outra, elas também se fazem presentes em um dos braços do mundo acadêmico: as editoras universitárias. O seu funcionamento, a viabilidade econômica e os critérios de escolha de originais são algumas das questões cruciais discutidas nesse livro.

O que poderia ser apenas um dilema entre preservar a dignidade do pensamento e dos livros e, ao mesmo tempo, tornar a produção editorial universitária economicamente viável ganha, em *Inimigos da esperança*, uma outra dimensão, rodeada de questões basilares sobre a própria função e administração das instituições de ensino superior.

Com experiência no ramo de publicações desde o final dos anos 1970, Lindsay Waters focaliza o mundo das editoras universitárias sob diversos ângulos, incluindo público leitor, sociedade, professores universitários, estudantes e bibliotecários. As indagações sobre o que é melhor publicar e como isso deve ser feito são tratadas pelo autor num viés conceitual, mas sem perder o ponto de vista da prática cotidiana de uma editora.

A obra verifica, por exemplo, que um dos maiores problemas é entender a produção editorial universitária pelo aspecto quantitativo. Os órgãos de avaliação perguntam quanto um docente publica, mas não se debruçam sobre aquilo que chega aos leitores.

Assim, vive-se um momento em que a publicação de trabalhos com pouco ou nenhum sentido aumenta, enquanto o profissional que reluta em publicar, esperando o momento certo ou chegar a textos significativos, tende a ser cada vez mais ignorado – e até marginalizado.

Nessa linha de raciocínio, em que, para os órgãos científicos de avaliação, o número de livros publicados é mais importante que a sua utilidade para a ciência, a linguagem usada é cada vez mais técnica e especializada, dificultando o entendimento e favorecendo o obscurantismo.

O insignificante e pretensioso, desse modo, ganha status ao estar encadernado. Os elos entre pensamento, erudição e publicação estariam progressivamente se perdendo num círculo vicioso: publica-se de tudo para ser produtivo, mesmo que isso signifique trabalhos menos qualificados e sem leitores.

Inimigos da esperança aponta que a maioria daqueles que têm muito a dizer são os mais reticentes em dizê-lo. Nesse sentido, Waters afirma que “a academia deveria recrutar os editores para que tentassem conseguir que algumas das pessoas silenciosas falassem.

Esqueçamos os tagarelas. Eles encontrarão seu caminho”.

A pressa em publicar dificultaria que as idéias fossem construídas, experimentadas e contrapostas com conceitos, antigos, contemporâneos ou em ebulição. A pressa, neste caso, seria inimiga da perfeição, pois impediria que as idéias tomassem corpo. O caminho indicado é exigir que os livros “tenham mais conteúdo, antes de serem aceitos e publicados”.

Reduzir o trabalho intelectual a postos e promoções dentro de uma rotina administrativa é severamente criticado. Nesse aspecto, a especialização exacerbada é vista com numerosas ressalvas. A separação dos pro-

editorial em geral – e de livros universitários especificamente – não parece nada promissor.

Como bem lembra Waters, vive-se a cena antológica de Charles Chaplin, em *Tempos modernos*, em que o professor trabalha “louca e insensatamente para produzir”. Para piorar, a linguagem desses escritos tende a ser cada vez mais técnica e quase incompreensível. Ela se torna quase antinatural, ou mesmo anti-humana, obscurecendo as informações em vez de clarificá-las.

O obscurantismo da linguagem pode ainda ser associado à discutível conduta ética de muitas editoras, que colocam o lucro antes da qualidade. Mesmo numa revista acadêmica, na área de medicina, por exemplo,

a publicação de um artigo pode estar relacionada à busca de estabilidade financeira por meio de anúncios de alguma empresa ou algum tipo de apoio ou permuta.

A produção entendida como um bem em si mesma estabelece a lógica da mediocridade. A meritocracia acadêmica, ao funcionar, para Waters, em grande parte baseada no número de publicações (uma aula bem dada, por exemplo, pouco ou nada conta), deixa de lado que um livro deveria contribuir para a humanidade de alguma maneira relevante. Se isso não acontece, é preciso rever o sistema.

O fato de um professor refletir sobre determinado assunto durante anos e concluir que nada deve ser publicado é pouco respeitado. Não seria um exemplo de

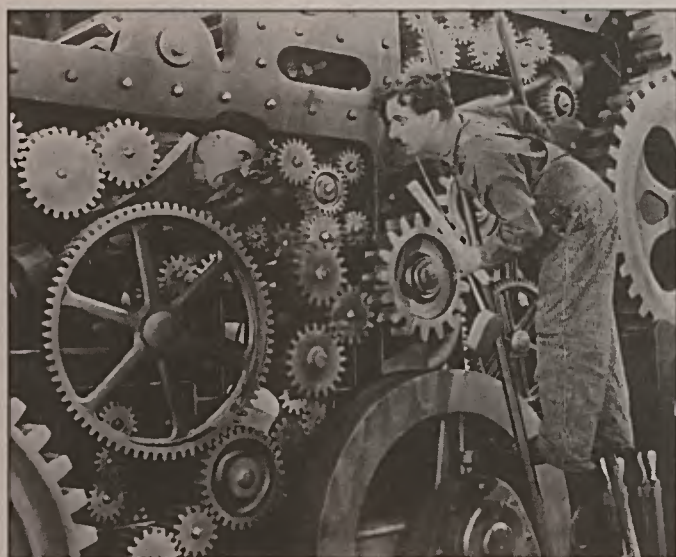
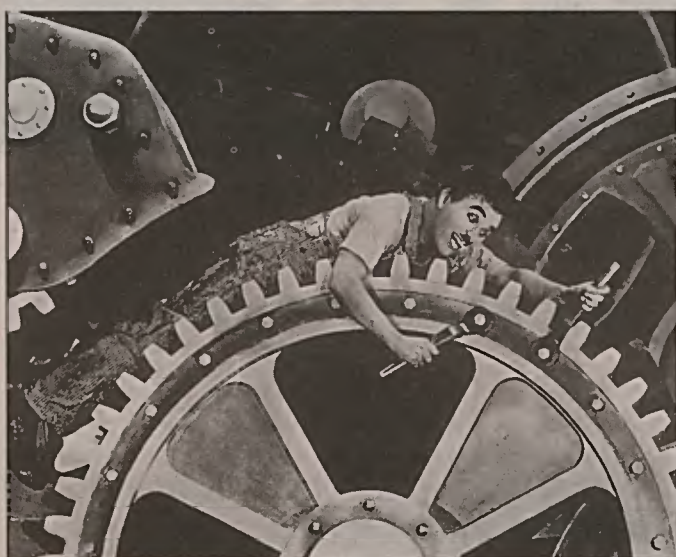
maturidade intelectual? Em contrapartida, aquele que escreve numerosos textos incompreensíveis ou irrelevantes tem grandes chances de ser idolatrado apenas pela sua numerosa produção.

Em síntese, *Inimigos da esperança*, ao tratar das editoras universitárias e da publicação de livros acadêmicos, toca em questões cruciais para a universidade brasileira: a sua dificuldade em trabalhar com o transdisciplinar, a convivência com uma meritocracia muito mais quantitativa do que qualitativa, a falta de ética nas relações humanas em nome do carreirismo, o conservadorismo dos docentes e sua resistência a mudanças, e um ponto nevrálgico que une o professor ao editor de livros: a falta de clareza quanto à função social do que se faz e para que é feito.

Inimigos da esperança: publicar, perecer e o eclipse da erudição – Lindsay Waters; tradução de Luiz Henrique de Araújo Dutra; Editora UNESP; 96 páginas. Informações: (11) 3242-7171.



Fotogramas do filme *Tempos modernos*, de Charles Chaplin



fissionais em campos com sólidas linhas divisórias é tratada como um problema das próprias instituições de ensino, mais propensas a falar em relações entre as disciplinas do que a praticar esse diálogo.

Convive-se com uma universidade de especialistas, quando os maiores gênios da humanidade, como Michelangelo (pintor, escultor, arquiteto) e Leonardo da Vinci (anatomista, pintor, inventor) eram generalistas com capacidade de fazer relações, algo que muitos dos pesquisadores e, por consequência, dos livros por eles publicados, perderam.

Professores universitários são, muitas vezes, apontados por Waters como “personagens astutos e maliciosos”, já que “o abandono da pesquisa crítica e a renúncia a esperanças ousadas de inovação são apresentados como o que é justamente mais inovador”. Assim, “contribuições mais insignificantes parecem toleráveis, desde que sejam apresentadas em um volume encadernado”.

Nesse panorama, mais livros são publicados, mas não são comprados pelas bibliotecas, lidos pelos potenciais leitores ou qualitativamente avaliados pela comunidade acadêmica. Vive-se, então, a ditadura da contagem da produção. Se critérios de conteúdo antes da aceitação e publicação não forem revistos, o mercado

Estudantes participaram do FILE

Dois trabalhos da UNESP foram selecionados para o Festival Internacional de Linguagem Eletrônica



Reprodução

Duas obras que envolvem alunos da UNESP foram selecionadas para a edição 2006 do FILE (Festival Internacional de Linguagem Eletrônica). O evento, que se realizou em São Paulo de 15 de agosto a 2 de setembro, apresentou obras de 30 países nas áreas de animação interativa, hipertexto, cinema interativo, poesia digital, inteligência artificial, robótica e instalações eletrônicas, entre outras.

Uma das criações da UNESP é *Stratoself*, de autoria do grupo Nautc.0, coordenado pelo docente Flavio Calazans e seus alunos do curso de bacharelado em Artes Plásticas do Instituto de Artes, *campus* de São Paulo. Outro participante é *Zipper*, de Rafael Arrivabene, estudante de Desenho Industrial na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), *campus* de Bauru.

A proposta do *Stratoself* é utilizar meios do mundo físico para conectar pessoas no espaço virtual. Para isso, o grupo imprime dados de indivíduos comuns em pequenos cartões, que são inseridos em balões de gás hélio.

Uma parte dos balões é solta na atmosfera em data e local determinados. Outra é fixada em lugares estratégicos de São Paulo, possi-

bilitando a qualquer pessoa estourar um balão, e encontrar seu contato. “O terceiro grupo de balões se destina a instalações interativas em espaços expositivos sem fins comerciais”, diz Calazans. Embora a FILE já tenha acabado, o trabalho aceita participações até dezembro. Informações: <http://www.ia.unesp.br/stratoself.php>

Os interessados em participar do *Stratoself* deverão cadastrar seu nome, e-mail e a resposta para a pergunta: “Que palavra você jogaria ao ar?”. “Quem participar do *happening* deverá estar ciente que qualquer pessoa poderá encontrar seu dados e, eventualmente, entrar em contato”, diz Calazans.

Já o *Zipper* é um trabalho originalmente feito para a disciplina Plástica 2, do curso da Faac. Segundo Arrivabene, o tema das aulas era explorar as possibilidades de um saco de lycra confeccionado pelos alunos. “Dessas pesquisas saíram muitas fotos, que foram apresentadas de modo interativo no trabalho final, utilizando as características do produto”, explica.

Oscar D’Ambrosio (colaborou **Eliane Aparecida de Almeida Barros**, bolsista UNESP/Universia/Faac/Bauru)

Mostra “invade” *campus* de Presidente Prudente

Obras de segundantistas de Arquitetura e Urbanismo ocuparam vários espaços



Gabriel Gonzales

Segundo o docente, a mostra buscou despertar o senso crítico dos estudantes da FCT, que podiam fazer sua própria interpretação das obras.

No evento, foram utilizados materiais como bexigas, papel, isopor, fotos, linhas, cadeiras, latas e giz. No Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente da FCT, por exemplo, os passantes puderam ver um “quadro” feito na própria lousa de recados. Os frequentadores da Praça da Geografia observaram uma obra composta de fotos de famosas metrópoles do mundo.

De acordo com Helton Luís Nunes da Conceição, aluno do 2º ano de Geografia, os trabalhos se destacaram pela criatividade. “Nunca tinha visto algo assim”, comenta. Para Fransérgio Noronha, do 4º ano de Geografia, o que mais chamou sua atenção foi uma criação feita com isopor. “Para mim, ela remetia à questão do negro na universidade”, assinala.

Gabriel Gonzales, bolsista UNESP/Universia/FCT/Presidente Prudente

Uma exposição chamou a atenção dos estudantes da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, *campus* de Presidente Prudente, em agosto. A Mostra de Linguagem Visual do Curso de Arquitetura e Urbanismo apresentou uma dezena de trabalhos de alunos segundantistas, em diversas áreas do *campus*.

A idéia da exposição foi do professor Claudemilson Santos, da disciplina Linguagens Visuais, Percepção e Exposição.

Equipe é premiada em evento em Brasília

Participantes precisavam simular atribuições de delegados de países da ONU

Ighor Ribeiro Bouret Melo e Danilo Alarcon, alunos, respectivamente, do 3º e do 1º ano do curso de Relações Internacionais (RI) da Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS), *campus* de Franca, foram premiados, na categoria Melhor Delegado, no 9º Modelo das Nações Unidas para as Américas (Amun, na sigla em inglês). Ocorrido de 26 a 30 de julho, em Brasília, o Amun é uma simulação que segue o modelo das atividades realizadas pela Organização das Nações Unidas (ONU).

No trabalho, os alunos simulavam as atribuições dos delegados de países da ONU e seus comitês. “Para isso, estudamos profundamente a política externa do país a ser representado, para evitar contradições”, comenta Anselmo Takaki, es-



Takaki (segundo da esq. para a dir.): estudo de política externa

Divulgação

tudante do 4º ano de RI e coordenador da delegação da UNESP para o Amun 2006.

Os alunos da UNESP representaram a delegação da Alemanha. Eles visitaram a embaixada daquele país, na qual, além de contatos, obtiveram materiais de divulgação, como pôsteres e cartazes, para caracterizar espaços da Festa Cultural que ocorre durante o evento.

O Amun, promovido pela Universidade de Brasília, é o precursor brasileiro do World Mun, simulação de graduandos das mais diversas universidades do mundo. Iniciativas semelhantes ocorrem na PUC-SP e em universidades como a UFRGS, a UFRN e a UFMG. “Em 2004, em Franca, surgiu a UNESP-Model”, comenta Takaki.



ENSINO

Curso forma docentes em Educação Especial

Parceria une Marília e Secretaria da Educação paulistana

A Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), *campus* de Marília, por meio do Departamento de Educação Especial (DEE), mantém uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo para formação e titulação em Educação Especial de cem professores de Ensino Fundamental que atuam nos Serviços de Apoio Pedagógico Especializado em toda a rede municipal de ensino. O curso dará formação para 25 professores na área de

deficiência auditiva, 20 na área de deficiência física, 36 na área de deficiência mental e 19 na de deficiência visual.

“Com a parceria, o sistema educacional inclusive ganha profissionais capacitados para atuação nos serviços de suporte pedagógico”, diz Maria Cândida Del Masso, vice-diretora da FFC. A solenidade de abertura e a aula magna do curso aconteceram no dia 4 de agosto, no IPREM – Escola do Servidor, na cidade de São Paulo.

VESTIBULAR

Lançada edição 2007 do ‘Guia de profissões’

Universidade oferece 168 opções de cursos de graduação

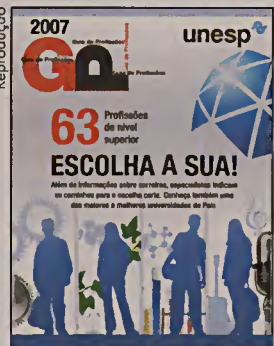
A Fundação para o Vestibular da UNESP (Vunesp) começou a distribuir, gratuitamente, em agosto, a 15ª edição do *Guia de profissões*. O material, com 154 páginas e tiragem de 350 mil exemplares, traz informações sobre as 168 opções de cursos de graduação para as 63 carreiras oferecidas pela Universidade.

A publicação traz também dados sobre a infra-estrutura da UNESP, disseminada por 32 unidades em 23 cidades do Estado. Facilita ainda ao vestibulando

localizar onde está o curso que deseja fazer.

O *Guia* começou a ser elaborado em fevereiro, com ampla coleta de sugestões dos coordenadores de curso, entrevistados em março para a redação dos textos. “Esperamos que esse material contribua para a escolha profissional mais consciente dos candidatos”, disse Fernando Prado, diretor-acadêmico da Vunesp.

Mais informações na Vunesp: (11) 3670-5300, www.vunesp.com.br



Programação dos 30 anos

Setembro
19 a 21/09 – Águas de Lindóia. II Conferência de Pós-graduação da UNESP. Realização: Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PROPG) da UNESP. No Hotel Majestic. Informações: (11) 3252-0253/54.
25 a 29/09 – Iq/Araraquara. XXXVI Semana da Química.

28 a 30/09 – Águas de Lindóia. 21º Encontro de Secretários da UNESP. No Hotel Mantovani. Apoio: Direção da FCL/Assis.

Novembro
Tupã. Celebração durante a Amostra de Ensino, Pesquisa e Extensão.
19 a 22/11 – FCL/Assis. I Fórum de Biotecnologia do Vale do Paranapanema.

EVENTOS DE SETEMBRO

11 a 14/09 – Franca. PET História. I Educação Tutorial de História. Promoção PET História. Informações: (16) 3711-1914.

11/09 – Vestibulinho Unificado para Colégios Técnicos da UNESP em Bauru, Guaratinguetá e Jaboticabal. Abertura de inscrições. Até 8/11. Informações: www.vunesp.com.br

12/09 – São Paulo. Início do curso Os EUA e a política internacional contemporânea. Coordenação: Luis Fernando Ayerbe, professor da FCL/Araraquara e do programa Santiago Dantas de Pós-graduação em Relações Internacionais da UNESP, Unicamp e PUC-SP. Informações: lals@memorialsp.gov.br

12 a 14/09 – Marília. XI Jornada Pedagógica Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, a ser realizada de 12 a 14 de setembro. Informações: www.marilia.unesp.br/br/evntos/jp.htm

12 a 16/09 – Santos. 9º World Congress of Veterinary Anaesthesiology (WCVIA) e VII Congresso de Cirurgia e Anestesiologia Veterinária. Organização: Brazilian College of Veterinary Surgery and Anaesthesiology. Informações: stello@fmvz.unesp.br, (11) 5536-3055, (11) 5531-4455, (31) 3499-4220, callcenter@fundep.ufmg.br, www.fundep.br

13 a 15/09 – Marília. I Colóquio de Filosofia Contemporânea Habermas. Informações: saepe@marilia.unesp.br ou ICol.habermas@marilia.unesp.br

15/09 – São Paulo. Palestra Lentes gravitacionais, de Laerte Sodré Jr. (IAG/USP). Projeto Física ao Entardecer. As 18h30. No Auditório do Instituto de Física Teórica. Rua Pamplona, 145. Informações: (11) 3177-9028 ou ww.ift.unesp.br

15/09 – São Paulo. Término de inscrições para o XXIX Congresso Paulo Leal Ferreira. No Instituto de Física Teórica. Rua Pamplona, 145. Contato: congresso@ift.unesp.br

16/09 a 7/10 – Assis. Curso de Extensão Universitária “Biotécnicas de reprodução assistida em animais”. O curso vai abordar temas como Inseminação Artificial, Transferência de Embriões, entre outros. Local: prédio de Biotecnologia da FCL. Informações: Marcelo F. G. Nogueira (coordenador do curso); e-mail: marcelo@assis.unesp.br; tel.: (18) 3302-5848.

16 a 19/09 – Assis. XIX Encontro Psicologia e VI Encontro Científico. Local: Anfiteatro Antonio Merisse e Salão de Atoas da FCL/Assis. Horário: 8 h às 23 h. Responsável: Jose Sterza Justo. Informações: www.fundep.com.br/psicologia

17 e 18/09 – São Paulo. América Latina e Caribe: prevenção de conflitos e construção da paz 2007-2010. Organização: Coordenação Regional de Pesquisas Econômicas e Sociais. Apoio: Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Internacional e Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais (UNESP, Unicamp e PUC-SP) e o Grupo de Análise e Prevenção de Conflitos Internacionais (GAPCon) – Centro de Estudos das Américas/IH/UCAM (CEAS). No Memorial da América Latina. Informações: www.unesp.br/santiagodantassp

18/09 – Vestibular UNESP 2007. Abertura das inscrições. Até 6/10. Informações: www.vunesp.com.br ou www.unesp.br

18 a 21/09 – Araraquara. V Semana de Pós-graduação em Sociologia: Modernidade e tradição: reflexões contemporâneas. Programa de Pós-graduação em Sociologia. na FCL. Informações: (16) 3301-6212/6264, www.fclar.unesp.br/pos

18 a 22/09 – Franca. IV Semana de Relações Internacionais. Promoção DECSPI. Informações: (16) 3711-1990 ou decspi@franca.unesp.br

20 e 21/09 – Franca. II Seminário de Saúde do

Relações Internacionais

O Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da UNESP, Unicamp e PUC-SP tem inscrições abertas para seleção de candidatos ao mestrado de 9 a 24 de outubro. Para o ano letivo de 2007 são oferecidas 15 vagas, das quais 5 para a Área de Concentração “Paz, Defesa e Segurança Internacional”. Os candidatos serão submetidos às seguintes etapas: avaliação do projeto de pesquisa, prova de língua inglesa, prova escrita de conhecimentos na área de Relações Internacionais e entrevista. Informações: Praça da Sé, 108 – 3º andar, CEP 01001-901, São Paulo-SP. Telefone (11) 3101-0027, e-mail: reinter@reitoria.unesp.br. O horário de atendimento é das 10 h às 12 h.

Trabalhador. Promoção Depto. Serviço Social e Prefeitura Municipal de Franca. Informações: (16) 3711-1896 ou depss@franca.unesp.br

22 a 24/09 – Franca. II INTERSET – Encontro Internacional Paulista do 3º Setor. Promoção Orbe (Empresa Junior de Relações Internacionais). Informações: (16) 3711-1926 ou orbe_unesp@yahoo.com.br

25 a 29/09 – Presidente Prudente. XVIII Semana da Educação e Pedagogia. Tema: A educação fora dos muros: culturas e diversidades. No Auditório da FCT. Realização: Departamento de Educação FCT. Informações pelo telefone (18) 3229-5388 ramal 5436 ou semana_da_pedagogia@yahoo.com.br

26/09 – Franca. VI Seminário do CPEUSS. Promoção CPEUSS (Coordenação Prof. Dr. José Walter Canoas). Informações: (16) 3711-1838 ou cpeuss@franca.unesp.br

27 a 29/09 – Braga (Portugal). 2º Congresso para Planejamento Urbano Regional, Integrado e Sustentável. Na Universidade do Minho. Comissão Organizadora: José F. G. Mendes (Universidade do Minho), António Neson Silva (USP), Léa Cristina de Souza (Faac/UNESP/Bauru). Informações: <http://www.civil.uminho.pt/planning/pluris2006>

27 a 29/09 – Dracena. III Encontro de Zootecnia e II Simpósio de Ciências da UNESP de Dracena. Tema: Avicultura: corte, postura e silvestre. Local: Teatro Municipal. Informações: (18) 3821-8200, www.dracena.unesp.br

28/09 – Franca. Semana da 3ª Idade – Envelhecer com Saúde na 3ª Idade. Promoção Unati (Universidade da III Idade). Informações: (16) 3711-1874.

29/09 – Franca. Palestra Dia “D” Deficientes. Promoção alunos de Direito da Graduação. Informações: (16) 3711 – 1876 (Coordenação Jefferson).

30/09 – Assis. XX Spring Conference. Evento promovido pelo Departamento de Letras Modernas, área de Inglês. Local: FCL/Assis. Horário: 8 h às 18h30. Responsável: Maria do Rosário. Informações: mrosario@assis.unesp.br



A inclusão na universidade (I)

JOSÉ RIBEIRO JUNIOR

O Projeto de Lei 73/99, conhecido como “A Lei de Cotas”, tramitando provavelmente em sua fase final, tem despertado acesas discussões na imprensa e mobilizado intelectuais em todo o País. O projeto institui um sistema de reserva de vagas para estudantes egressos do ensino médio público, em estabelecimentos de ensino superior federal, fixada em 50%, conforme o seu artigo primeiro. O artigo segundo determina que essa reserva destina-se a negros e indígenas.

Essa Lei, juntamente com o Estatuto da Igualdade Racial (que prevê cotas especiais no serviço público e incentivos às empresas que as adotarem), provocou dois manifestos polarizados no universo intelectual brasileiro. Teatrólogos, acadêmicos, músicos, juristas, entre outros, apresentaram argumentos pró e contra os projetos, seja no que respeita à Universidade, seja ao mundo do trabalho.

O manifesto contrário à Lei e ao Estatuto apareceu na mídia em 29 de junho, sob o título “Todos têm direitos iguais na República”. Em 4 de julho, foi divulgado o “Manifesto em favor da Lei de Cotas e do Estatuto da Igualdade Racial”. Permitimo-nos afirmar, de início, nosso respeito ao debate sadio e construtivo, esperando que as autoridades responsáveis reflitam não só sobre o conteúdo, como sobre o princípio cidadão e democrático da discussão livre e bem intencionada. Vejamos os prós e os contras, no curto espaço de que dispomos, mas que pretendemos retomar em outras oportunidades, dada a profundidade de cada argumento.

Pesa a favor, de fato, uma visível exclusão de estudantes negros e indígenas nas universidades do Brasil. Organismos internacionais pressionam os mecanismos da exclusão racial embutidos no universalismo do Estado republicano, responsabili-

zando-o pela continuidade dessa discriminação. Dadas as porcentagens étnicas e raciais brasileiras, as ações afirmativas devem levar à meta da igualdade universal.

A posição contrária destaca que leis de inclusão, baseadas na tonalidade da pele, não eliminam o racismo latente na sociedade brasileira e, ao contrário, provocarão o acirramento das tensões. Argumenta-se, ainda, que a lei racial será um bloqueio permanente para a resolução dos problemas da desigualdade social no Brasil.

Ambas as posições têm conteúdos fortes e devem provocar as mais sérias reflexões. Se, por um lado, há uma necessidade urgente de o Estado promover a inclusão social, por outro, não se pode simplificar esse grave problema com ramificações e raízes históricas seculares.

A Universidade pública brasileira tem tomado posições efetivas. Abordaremos as práticas das diferentes universidades estaduais e federais no próximo artigo. As necessidades são urgentes e a universidade cidadã e responsável precisa acelerar o processo de inclusão. A Ouvidoria estará aberta a sugestões que possa intermediar junto aos órgãos colegiados da UNESP.

Contraste, Reimund Girke



Erramos

- 1) As imagens da chamada de capa do *Jornal UNESP* nº 214, de agosto de 2006, e as publicadas nas páginas do *Caderno Fórum* da mesma edição são de autoria de Daniel Patire.
- 2) Ao contrário do que foi informado na reportagem “Estudo é destaque em evento na Itália”, publicada na página 4 do *Jornal UNESP* nº 214, a substância CaSO_4 , conhecida como sal de cálcio, diminui a concentração de amônia (NH_4) na água de transporte dos peixes matrinxãs.
- 3) O professor Eneas Salatti não leciona mais no Centro de Estudos Ambientais (CEA) da UNESP, *campus* de Rio Claro, ao contrário do que informou o texto “Importância da água”, na página 12 da edição nº 213, de julho de 2006.



A farmácia verde do Cerrado

Publicação reúne informações sobre 72 espécies de plantas com potencial medicinal encontradas na região de Botucatu, muitas delas ameaçadas de extinção no País, segundo lista do Ibama

Superado apenas pela Floresta Amazônica, o Cerrado é o segundo maior bioma em extensão do Brasil – biomas são conjuntos de populações animais e vegetais que ocupam grandes áreas. Nas últimas décadas, no entanto, esse enorme território vem sofrendo contínua devastação, principalmente por causa da implantação de agricultura e pecuária extensivas, com consequências gravíssimas para a sobrevivência de sua flora e fauna e a subsistência de seus habitantes. “Por isso, identificar e registrar as espécies medicinais encontradas no Cerrado se tornou uma importante tarefa da pesquisa científica”, afirma a bióloga Silvia Rodrigues Machado, docente do Departamento de Botânica do Instituto de Biociências (IB) da UNESP, *campus* de Botucatu.

A pesquisadora, com Luiz Cláudio Di Stasi, professor do Departamento de Farmacologia do IB, e Beatriz Castro Maroni, bióloga graduada pelo IB, especialista em Educação Ambiental e fotógrafa amadora, estão publicando o livro *Plantas medicinais do cerrado de Botucatu: guia ilustrado* (Editora UNESP; 200 páginas; R\$ 35,00).

A obra traz informações sobre plantas com potencial medicinal encontradas em áreas de Cerrado do município de Botucatu, na região centro-sul do Estado de São Paulo. O texto é resultado de um trabalho realizado entre abril de 2004 e julho de 2005, vinculado ao projeto Estudos Morfológicos, Anatômicos, Histoquímicos e Ultra-estruturais em Plantas do Cerrado do Estado de São Paulo, do Programa Biota – Fapesp, coordenado pela bióloga Silvia.

Para listar as espécies vegetais que ocorrem em áreas de

Cerrado da região, foi realizado extenso levantamento das pesquisas feitas nesses locais nos últimos 20 anos, incluindo artigos, teses, monografias e catálogos. Também foi consultada a coleção do Herbário Irina Delanova Gemtchujnicov, do Departamento de Botânica do IB. “Nesse primeiro levantamento, chegamos a aproximadamente 500 espécies”, diz Silvia.

Potencial na medicina

Com base nesses dados e em consultas a diversas fontes, como artigos, livros, monografias e bancos de dados que abordam conhecimentos populares e científicos, foram apontadas as espécies com potencial medicinal. “Com esse levantamento, chegamos a cerca de 170 espécies de plantas medicinais em cerrados da região”, contabiliza Di Stasi.

Os pesquisadores também foram a campo para localizar, coletar e fotografar as plantas. Todo o material foi depositado no herbário do IB. Diversas espécies, no entanto, não foram encontradas. “Por isso, das 170 espécies de plantas medicinais relacionadas a princípio, apenas 72 estão descritas e ilustradas no livro”, explica Di Stasi. De acordo com o pesquisador, a equipe constatou que 15% das espécies encontradas estão na Lista Brasileira da Flora Ameaçada de Extinção do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis).

O livro apresenta as 72 espécies organizadas em ordem alfabética de família botânica e, em seguida, de nome científico. Em cada página, são encontrados dados sobre a

família a que as plantas pertencem, nome científico, sinônimo (quando existe), nome popular, características (hábito, porte, informações das folhas, flores e frutos, época de florescimento e frutificação, quando observadas) e suas indicações terapêuticas.

“O uso comprovado de cada planta é indicado apenas quando informações sobre ensaios clínicos foram encontradas” explica a bióloga Beatriz. “Fotos das espécies acompanham o texto para melhor visualização”, acrescenta. (Veja quadro abaixo.)

Sem receitas

Di Stasi adverte que o livro não é uma publicação com receitas caseiras feitas com plantas medicinais. “As indicações terapêuticas não apresentam dosagem e forma de preparo, pois o objetivo principal do guia é divulgar a diversidade da flora medicinal do Cerrado regional e dar subsídio a novas pesquisas farmacológicas que possam comprovar os usos descritos”, esclarece.

As plantas que constam da relação de espécies em risco de extinção divulgada pelo Ibama estão indicadas com a frase “*Espécie incluída na Lista da Flora Ameaçada de Extinção*”.

“No final do livro há ainda um glossário de termos botânicos e farmacológicos usados nas descrições morfológica e terapêutica das 170 espécies que levantamos, o índice de nomes científicos e populares, ambos em ordem alfabética, e a lista completa das espécies medicinais citadas para os cerrados da região de Botucatu”, conta Silvia.

Oscar D’Ambrosio

Algumas espécies apresentadas no livro



Annona crassiflora Mart.

Nome popular: pinha-do-cerrado, araticum grande, marolo, araticum-de-bóia, cabeça-de-negro
O chá feito de folhas ou sementes é indicado para casos de diarreia



Pyrostegia venusta Miers.

Nome popular: cipó-de-são-joão, erva-de-são-joão, orelha-de-gato
Chá preparado com os ramos com folhas e flores é indicado como antidiarréico, tônico, contra dores no ventre e bronquite



Lantana camara L.

Nome popular: cambará, câmara, erva-chumbinho, verbena-arbustiva
Chá das folhas é utilizado contra infecções das vias respiratórias, bronquite, rouquidão, dermatites, reumatismos, contusões, dores em músculos e articulações



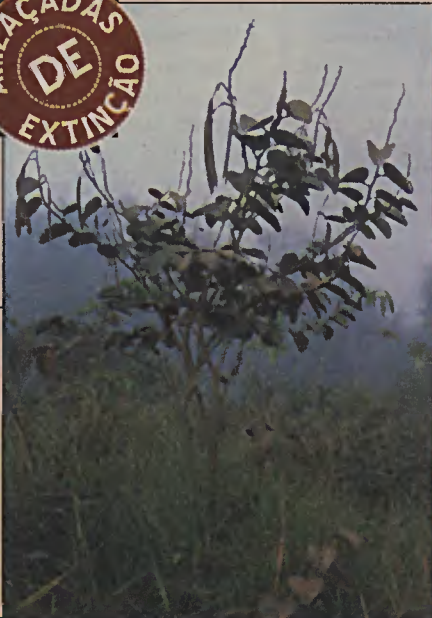
Byrsonima intermedia A. Juss

Nome popular: murici, canjica, baga-do-tucano
Segundo a medicina popular, as folhas, quando fervidas com água, apresentam propriedades contra diarreias e infecções intestinais, além de proteger a mucosa intestinal



Campomanesia pubescens O. Berg.

Nome popular: gabirola, guavira, guabirola
Chá das folhas e cascas do caule é usado contra diarreia e afecções do aparelho urinário (Ameaçada de extinção)



Bauhinia rufa Steud.

Nome popular: pata-de-vaca, catinga-de-tamanduá
A planta inteira é usada como diurético, adstringente, contra diabetes e obesidade, na forma de chá; raízes, folhas e flores são usadas contra constipação e infecções (Ameaçada de extinção)



Mandevilla illustris (Vell.) Woods.

Nome popular: jalapa, jalapa-do-campo
Látex e casca do caule são usados em assepsias de úlceras e contra verrugas



Bromélia antiacantha Bertol.

Nome popular: caraguatá, gravatá, macambira
Xarope dos frutos é usado no combate a doenças respiratórias (bronquite e asma), pedras nos rins, edemas e icterícia